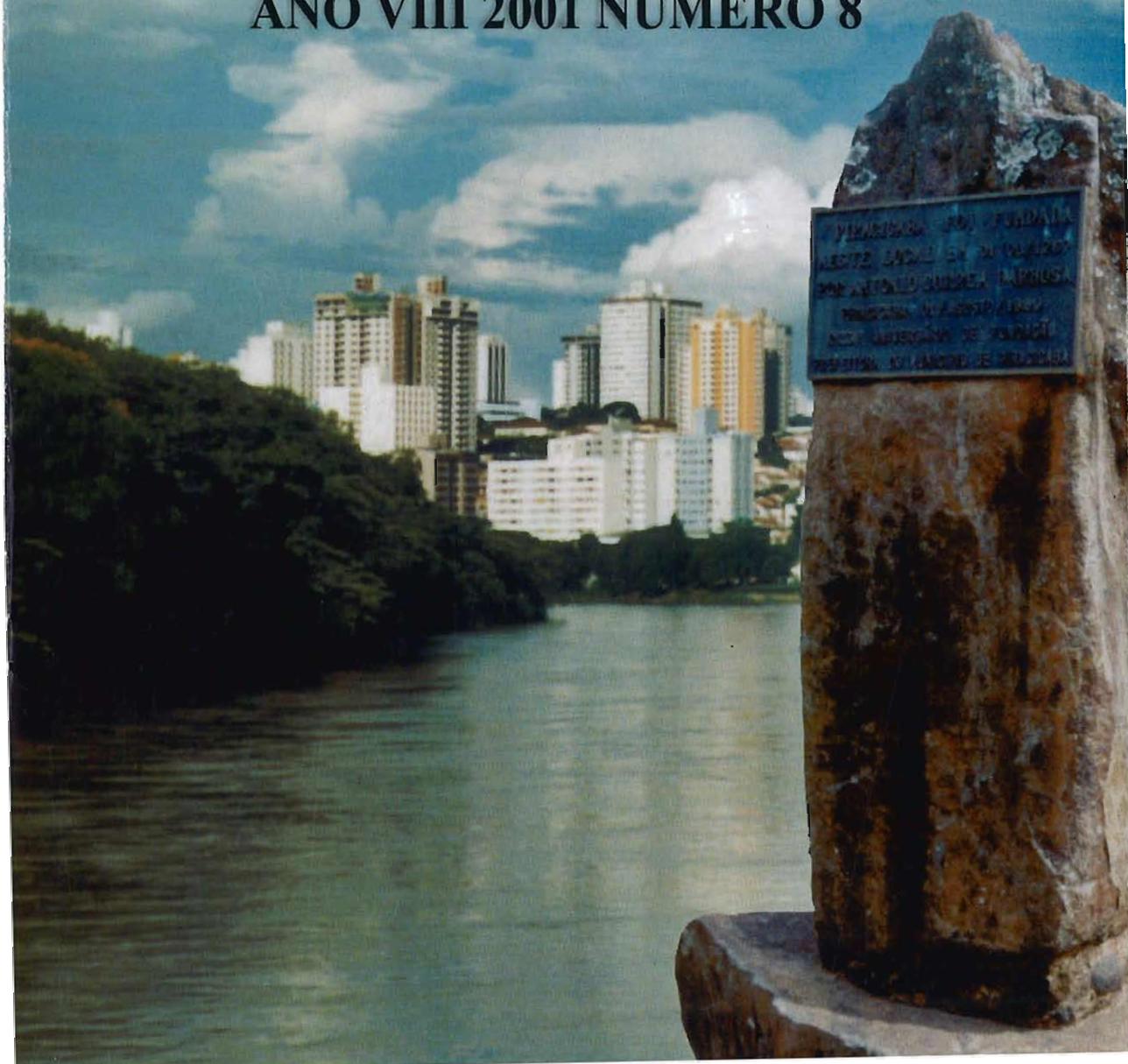


# IHGP

INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE PIRACICABA  
ANO VIII 2001 NÚMERO 8



INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE PIRACICABA  
DIRETORIA  
(02/02/2000 a 20/03/2002)

Presidente  
MOACYR DE OLIVEIRA  
CAMPONEZ DO BRASIL  
SOBRINHO  
Vice-Presidente  
Marly Therezinha Germano  
Perecin  
1º Secretário  
GERALDO CLARET DE MELLO  
AYRES  
2º Secretário  
CECÍLIO ELIAS NETTO  
1º Tesoureiro  
HALDUMONT NOBRE FERAZ  
2º Tesoureiro  
DÉCIO DE AZEVEDO  
Orador  
ELIAS SALUM  
Bibliotecário  
OSWALDO CAMBIAGHI

IHGP  
Revista do Instituto Histórico e  
Geográfico de Piracicaba  
Ano VIII - 2001 - número 8  
Coordenador da Revista  
Frederico Pimentel Gomes

O IHGP é uma publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Os artigos nela publicados são colaborações de seus sócios. Entretanto, a revista abre espaço para outros autores que se dediquem ao estudo de temas históricos ou geográficos. Todos os artigos podem ser reproduzidos, desde que indicada a fonte. As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade dos autores.

INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
CGC 508.538.78.0001-48  
Rua do Rosário, 781  
13400-180 Piracicaba-SP - Brasil  
Telefone: (19) 3434-8811  
EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO  
Gráfica e Editora Degaspari  
R. Barão de Piracicamirim, 1926  
Fone/Fax: (19) 3433-6748  
13416-150- Piracicaba-SP  
E-mail: graficadegaspari@bol.com.br

# IHGP

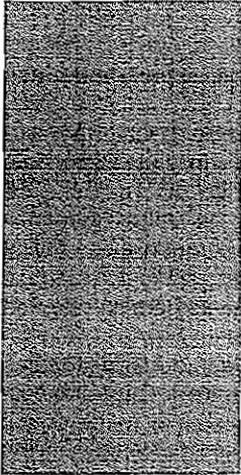
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA

## SUMÁRIO

Apresentação - Um Pouco de História <i>Moacyr de Oliveira Camponez do Brasil Sobrinho</i> .....	03
Engenho Central de Piracicaba <i>Hugo Pedro Carradore</i> .....	05
A Ciência Geográfica em Evolução: da Antiguidade à Globalização <i>João Luiz Franchi</i> .....	11
Santa Casa de Piracicaba Elege Nova Diretoria <i>João Orlando Pavão</i> .....	15
Curiosidades do Gênero Neutro <i>F. Pimentel-Gomes</i> .....	20
Reide Piracicaba - São Paulo <i>José Luiz Guidotti</i> .....	22
Memórias da Escravidão <i>Hugo Pedro Carradore</i> .....	48
Algum Subsídio à História da Câmara de Vereadores <i>Lino Vitti</i> .....	56

Capa: Cristiano Paulo Nardon: Centro Comunicação Social

Montagem-Foto: Cristiano Diehl e Moacyr de Oliveira Camponez do Brasil Sobrinho



## **APRESENTAÇÃO**

### **Um Pouco de História**

**Moacyr de Oliveira Camponez  
do Brasil Sobrinho(1)**

Na revista do IHGP de número 7, correspondente ao ano 2000, foi publicada uma série de artigos sobre os irmãos Moraes Barros, enfocando, particularmente, a figura do primeiro Presidente Civil da República, Dr. Prudente José de Moraes Barros e a do grande Político que foi o Senador Manoel de Moraes Barros.

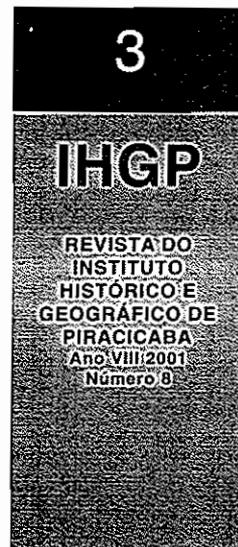
Esses trabalhos foram publicados 61 anos atrás, sendo 5 no Jornal de Piracicaba e 4 no Diário de Piracicaba, escritos pelo meu progenitor Prof. Nelson de Oliveira Camponez do Brasil, historiador piracicabano.

A razão da publicação dessa matéria se prendeu à importância do significado que ela registrou, elaborada para as comemorações do Centenário de Nascimento de Prudente de Moraes (04/10/1841 a 04/10/1941).

Apesar da relevância da data, foi a única matéria jornalística publicada nos jornais locais, relatando um fato de tão grande importância histórica para o País. Deve-se lembrar, entretanto, que nessa fase o Brasil tinha Governo Ditatorial, pois em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas, com um golpe de Estado, estabeleceu o Estado Novo, que durou até 1945.

Durante esse período, os governadores passaram a ser Interventores e os Prefeitos eram nomeados como Prefeitos Interventores. Em Piracicaba, tivemos diversos Prefeitos Interventores, sendo na data do Centenário de Prudente, o Dr. José Vizioli, então Diretor da Estação Experimental de Cana em Piracicaba, quem respondia pelo cargo. O Prof. Nelson era membro da Comissão de Geografia da Prefeitura Municipal. Não existia ainda o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, cuja criação se daria somente a 01 de agosto de 1967, com o Prefeito Luciano Guidotti, quando Piracicaba completava os seus duzentos anos de Fundação. Piracicaba tinha Intelectuais e Historiadores, mas dispersos, já que não existia nenhum órgão que os aglutinasse. O próprio receio de que os termos "democracia", "república" ou "republicanos" pudessem refletir mal no regime, talvez tivesse impedido que surgissem manifestações favoráveis mais alegres dirigidas ao evento. A própria Loja Maçônica foi impedida de trabalhar normal-

1. Prof. Titular Aposentado da ESALQ/USP e Presidente do IHGP.



mente, devido à nomeação de um interventor nos seus programas, nos primeiros anos do Estado Novo.

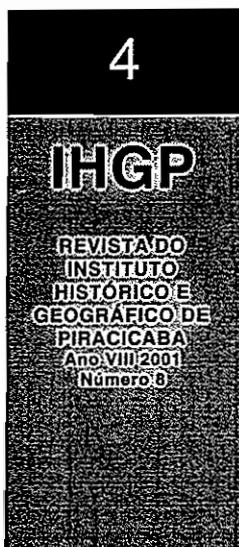
Os tempos mudaram. Hoje temos a expressão da Cultura Histórica e Geográfica de Piracicaba, representada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, que congrega mais de uma centena de Historiadores, Geógrafos e Intelectuais, temos as Universidades e demais Organizações de Ensino de um lado e de outro a República Brasileira, que apesar de tantas crises políticas, sobrevive firme e sólida, nos seus ideais democráticos, preparando-se para as eleições de outubro de 2002.

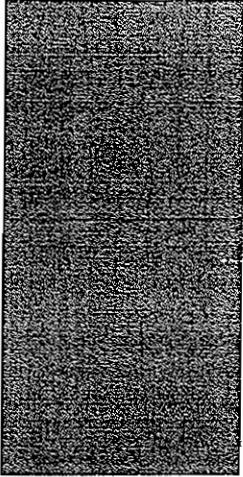
A grande figura da nossa República, Dr. Prudente José de Moraes Barros, completa no dia 03 de dezembro 2002, a data do Centenário da sua Morte, devendo ser nesse dia realizada uma série de expressivos eventos, entre os quais, a programação de um Seminário sobre a vida e o trabalho prestado por Prudente de Moraes, no qual estarão envolvidos representantes da USP, UNICAMP, UNIMEP, Prefeitura de Piracicaba, Câmara Municipal de Piracicaba, IHGP, Prefeitura, Câmara Municipal e Historiadores de Itu, e outras entidades de São Paulo.

Além das festividades relatadas, haverá a construção, em Piracicaba, de um Memorial dedicado a Prudente de Moraes, planejado pela Associação dos Engenheiros e Arquitetos do Estado de São Paulo.

Esperamos que neste evento seja o nosso Ex-Presidente da República reverenciado por todo o País como um dos grandes artífices da República.

Esse fato mostra também o crescimento e a importância do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, no cumprimento do seu papel na História do nosso País, condignamente representado pelo atual Presidente Haldumont Nobre Ferraz.





## ENGENHO CENTRAL DE PIRACICABA

Hugo Pedro Carradore(1)  
Ex-Presidente do IHGP

Atendendo a solicitação de D. Pedro II, em 1875 o Parlamento Brasileiro designou uma Comissão Especial para fazer um levantamento do estado em que se encontrava a agricultura no País, especialmente no caso da cana-de-açúcar. A referida Comissão elaborou, então, um parecer e um Ante-projeto sobre a criação do **Banco de Crédito Territorial e Fábricas Centrais de Açúcar**.

A investigação parlamentar revelou seis problemas principais: falta de treinamento profissional de fazendeiros e trabalhadores; falta de transporte; taxas altas; carência de mão-de-obra, necessidade de divisão de trabalho e falta de capital.

As recomendações da Comissão Especial serviram de base para a legislação sobre a matéria. Com o propósito explícito de animar, desenvolver e modernizar a indústria açucareira no Brasil, em 06 de novembro de 1875 foi promulgado o Decreto Legislativo nº 2.687, que autorizava o governo a garantir juros de até 7% ao ano, para o capital realizado no máximo de 30:000:000\$000 às companhias que estabelecessem Engenhos Centrais, para fabricar açúcar de cana, mediante o emprego de aparelhos e processos modernos ou mais aperfeiçoados.

De acordo com o parágrafo primeiro do referido artigo, as preferências recaíam sobre as companhias que já tivessem celebrado ajustes para o mesmo fim, com as administrações provinciais e que se achassem associadas aos proprietários agrícolas da região, onde se pretendesse instalar o Engenho Central, assegurado com esta providência o fornecimento de cana-de-açúcar ao funcionamento da fábrica e a revitalização das propriedades dedicadas ao seu cultivo.

Acreditava-se que o estabelecimento do sistema **Engenho Central** seria um grande passo na modernização do país nesta área produtiva, prevendo-se grandes mudanças sócio-econômicas.

A expressão Engenho Central, na linguagem da legislação Imperial esteve ligada aos princípios da absoluta separação entre atividades agrícolas e industriais.

Com os Engenhos Centrais inicia-se a revolução industrial do açúcar no Brasil, promovendo a utilização de estradas-de-ferro e do trabalho livre e a substituição do transporte animal pelo vapor.

1. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

5

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

2. Atas da Câmara Municipal de Piracicaba.

3. Leandro Guerrini. História de Piracicaba em Quadri-  
nhos, p. 83, 1970.

4. Leandro Guerrini, op. Cit.  
p.148.

O primeiro do País, o Engenho Central de Quissamã, foi inaugurado a 12 de setembro de 1877, no município de Macaé, província do Rio de Janeiro, sendo o segundo o Engenho Central de Morretes, no Paraná, inaugurado a 2 de junho de 1878. Em 23 de outubro inaugurou-se o terceiro, da Província de São Paulo - O Engenho Central de Porto Feliz e, posteriormente outros (no Rio de Janeiro, Bahia, etc.).

O Engenho Central de Piracicaba foi fundado graças ao espírito progressista do Dr. Estevão Ribeiro de Souza Rezende, que liderou um grupo de empresários piracicabanos.

No dia 07 de janeiro de 1881, foi lida uma representação de vários cidadãos d'este município, requisitando informações por parte da Câmara, relativas ao estabelecimento de um Engenho Central, n'este município, as quais, sendo dadas, determinou a Câmara que fossem transcritas no respectivo livro, oferecidas pela comissão indicada. (2)

Esta é a primeira notícia encontrada nas atas da Câmara relativa ao estabelecimento do Engenho Central.

Em 19 de janeiro do mesmo ano (1881), o Barão de Rezende, com capital de rs. 400:000\$000, funda a Empresa do Engenho Central. Os maquinários foram encomendados na França. (3)

O passo seguinte foi o de doar o terreno para a instalação da Empresa, isso em 03 de maio. Quatro dias depois (07 de maio de 1881), D. Pedro II assina o Decreto Imperial nº 8.089, concedendo ao Engenho Central de Piracicaba a autorização para funcionar.

Antes de terminar o ano, chegou da França, no dia 18 de novembro, a primeira remessa do maquinário, tendo início a montagem sob a direção de Antonio Pastureaus e Fernando Desmoulin.

Às sete horas da manhã de outubro de 1882, as máquinas do Engenho Central foram acionadas, pondo em funcionamento o grande complexo agro-industrial: *respeitável pelas suas proporções gigantescas, quanto ao edifício e quanto à grandeza de seu maquinário, composto de oito cilindros com entradas automáticas das canas e saída do bagaço pelas fornalhas - três geradores da força de cem cavalos, servidos por uma chaminé de tijolos, com trinta e cinco metros de altura; três tanques de cobre para saturar a garapa.*

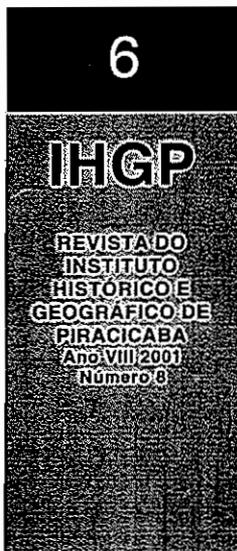
Aconteceu que, em função das más condições do mercado e pela insuficiência de matéria prima, logo o Engenho entrou em estado de estagnação.

Em 8 de fevereiro de 1888 realizou-se uma reunião com os credores do Engenho Central de Piracicaba, cuja situação financeira era precária, na qual se resolveu vender o estabelecimento em leilão.

No dia 16 de fevereiro, de conformidade com a deliberação de seus credores, estava à venda o Engenho Central de Piracicaba, com os seus pertences, no valor de rs 410:000\$000, sendo procuradores liquidantes o Barão de Rezende e João Tobias de Aguiar e Castro. (4)

Em 10 de abril do mesmo ano foi assinada a escritura de compra e venda do Engenho, tendo como comprador o Barão de Rezende, sendo também lavrada a escritura de hipoteca dos credores.

O Barão procurou reacender a indústria com a denominação de Companhia Niagara Paulista, porém as barreiras que encontrou eram



tão grandes que foi obrigado a vendê-la para a empresa francesa **Societé Sucrérie**, em 1899.

Em 31 de março a escritura foi depositada em cartório, em Paris, com os estatutos da **Societé de la Sucrérie de Piracicaba**, fundada por Fernand Doré e organizada à base de 2.200.000 francos, dividido tal capital em 22.000 ações de 100 francos cada.

O *Jornal Les Afficher Parisiennes*, de Paris, publicou a convocação da assembléia geral dos acionistas para o dia 5 de abril, no **Boulevard Poissoniere**, às 2 horas da tarde.

A Gazeta de Piracicaba, no dia 4 de maio noticiou que o Engenho Central fora vendido pela Companhia Niagara Paulista para a Empresa Sucrérie de Piracicaba, com sede em Paris, que também adquirira igualmente o engenho de Vila Raffard.

O Decreto Federal nº 3333, de 4 de julho de 1899, concedeu à **Societé Anonyme de la Sucrérie de Villa Raffard** autorização para funcionar no Território Nacional.

Através da direção do Dr. Holger Ienser Kok (5) a Usina Engenho Central de Piracicaba deu um salto na sua produção, alcançando o primeiro lugar no Estado. Em 1899, a safra foi de 31.107 toneladas de cana, que resultou em 38.378 sacas de açúcar.

Em 24 de dezembro de 1907, a **Societé Sucrierie de Piracicaba** foi incorporada a outras congêneres, formando a **Societé de Sucrieries Brasilienes Sociedade Anônima**, com quatro usinas no Estado de São Paulo: Piracicaba, Vila Raffard, Porto Feliz, Lorena, e duas no Estado do Rio de Janeiro: Cupim e Paraíso.

As geadas de 1918 e o mosaico de 1919 causaram um enorme prejuízo na produção: de 89 mil sacas em 1914, para 6 mil em 1925.

O Dr. Daniel Rinn substituiu o Dr. Kok. As canas Louzier e Riscadas foram substituídas por diferentes espécies de java. Em 1928 a produção alcançava 79 mil sacas. No ano de 1959 mais de 630 mil sacas de açúcar e 8 milhões de litros de álcool.

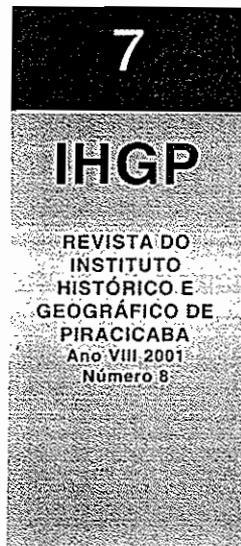
Com o crescimento maiúsculo da Vila Rezende, o Engenho foi sufocado pela urbanização, que abarrancou o processo operacional.

Por derradeiro, em novembro de 1970, o Engenho Central foi vendido para as Usinas Brasileiras de Açúcar de propriedade do empresário José Adolpho da Silva Gordo, que o manteve funcionando até 1974, quando foi radicalmente desativado.

O monumento do Engenho Central, o bosque e o mirante na margem direita do rio, formam a mais rica moldura para o quadro do salto, painel que inspirou Francisco Lagreca na sua "Oração ao Salto".

Com a desativação do Engenho, sentiu-se de pronto a sua vocação turística. Em 1976, deu entrada na Prefeitura um pedido de loteamento para uma área de mais 350 mil metros quadrados, que englobava instalações da antiga usina, dando-se assim o início da polêmica em torno da preservação e utilização do conjunto arquitetônico e ambiental. A intenção primeira foi de projetar um loteamento dirigido à classe de maior renda, com uma avenida ligando as duas pontes (do Mirante e do Morato). No projeto, algumas edificações seriam poupadas para nelas funcionar um museu do açúcar e um hotel. Dez por cento do

5. Mário Sampaio Ferraz. Piracicaba e sua Escola Agrícola, p. 26, 1911.



bosque seria doado ao município. Dada a complexidade e a importância do sítio, o prefeito na época, Adilson Maluf, criou uma comissão para estudar o assunto.

O parecer da comissão foi contrário à abertura de uma via expressa, exortando o poder público no sentido da preservação de toda área verde existente.

Em atenção à manifestação da referida comissão, a "Terras do Engenho - Planejamento, Construção e Administração Ltda", empresa encarregada da administração do projeto apresentou novas plantas para o loteamento, preservando as edificações e quarenta e três por cento do bosque.

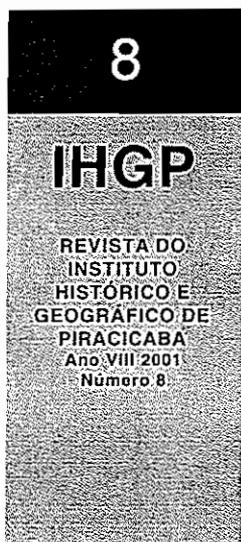
Com a mudança da administração, o novo prefeito João Herrmann Neto, em agosto de 1980, assinou um protocolo de intenções no qual o "Engenho" cedia o local a título precário em troca do compromisso de que mais tarde a Prefeitura compraria a chamada "área de uso especial", onde foi realizada a Agro-Feira, por um valor estipulado em Cr\$ 1.500,00 o metro quadrado, que seria corrigido com o tempo. De outra parte, a empresa Terras do Engenho doaria uma área de 86 mil metros quadrados na estrada de Limeira para futuras realizações de feiras. Assim, a carta de intenções, assinada em 1976, ficava revogada.

- Em março de 1982, apesar do protocolo, o prefeito João Herrmann Netto assinou um decreto de desapropriação do Engenho Central pelo valor do imóvel.

- No dia 3 de agosto de 1982, o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba, (CODEPAC) abre o processo de tombamento. A área em questão, assim é descrita: "Tem início no cruzamento da Av. Barão de Serra Negra com a Av. Maurice Allain, seguindo por esta até encontrar a rua 10, seguindo com a área verde até atingir a rua Prof. Joaquim do Marco até o final, seguindo após pela divisa com a área verde até encontrar com a Av. Dona Lídia, seguindo por esta e pela divisa com a área verde até encontrar com a Av. Cruzeiro do Sul, defletindo à esquerda e seguindo por esta até encontrar a ponte do Morato, seguindo por esta e em sequência pela margem esquerda do Rio Piracicaba até a desembocadura do Córrego do Enxofre, seguindo deste ponto pela divisa do loteamento Vila Nazaré com o Parque da Rua do Porto, seguindo pela divisa do referido parque, com os fundos dos lotes que fazem frente para as ruas Dr. Otávio M.de Toledo, Dr. Lula, Av. Dr. Paulo de Moraes e Av. Dr. Alarico Coury até encontrar a Rua Antonio Corrêa Barbosa, seguindo por esta até encontrar a rua Rangel Pestana, defletindo à direita e seguindo por esta até encontrar a rua Luiz de Queiroz, defletindo à esquerda e seguindo por esta até encontrar a Praça do Protesto Ecológico, seguindo pela Ponte Velha do Mirante até atingir o cruzamento da Av. Barão de Serra Negra com a Av. Maurice Allain, fechando o perímetro".

Como se pode ver, a área descrita não descreve apenas o conjunto das edificações do Engenho Central, mas todo o Parque do Mirante e da Rua do Porto.

Inúmeros estudos foram realizados para o aproveitamento do complexo das edificações do Engenho, inclusive pelos arquitetos Fábio



Penteado e Oscar Niemayer, mas tudo ficou apenas no papel.

A proposta de Niemayer era a da mudança do Centro Administrativo para o local, no que foi contestado pelo secretário Antonio Lázaro Aprilante, em face do alto custo do projeto que, além do mais implicaria na construção de uma nova ponte sobre o rio, abaixo do salto. Também justificava o secretário do Cemuplan: "O engenho é pequeno e inadequado para tal fim, de difícil acesso e sua vocação é inegavelmente turística e cultural em face da posição privilegiada".

Quando assumiu a Prefeitura, José Aparecido Borghesi realizou a imissão de posse do Engenho Central, mediante o depósito em juízo de cinco milhões de cruzeiros, primeira medida para a desapropriação. O processo foi rolando até a segunda administração de Adilson Maluf que, ao assumir a Prefeitura, defrontou-se com o compromisso de Cr\$ 580 milhões, o equivalente a 188 mil ORTN, na época, para efetivar a compra do Engenho.

O Engenho Central foi alvo de uma série de medidas jurídicas e institucionais, as quais asseguraram a sua permanência no cenário do patrimônio histórico, artístico e cultural de Piracicaba. Parte integrante da Zona Institucional "Rua do Porto - Parque do Mirante" - Lei 2641, que prescreve o zoneamento do uso do solo urbano. Situado numa região de extraordinário panorama, pintado pela natureza, está protegido dentro da área de preservação ambiental.

Aos 10 dias de novembro de 1989, foi entregue à administração do Prefeito José Machado o Auto de Imissão de Posse, ficando o almejado patrimônio disponível para o seu uso e ocupação. A partir desse momento iniciou-se o processo de divulgação, preservação e ocupação do Engenho Central, nosso maior bem histórico, cultural e ambiental.

Em 1º de maio de 1990 o Engenho era aberto ao público. "Conquistando o Engenho" era a chamada ao domínio público do grande espaço agro-industrial, para a História do Estado e, porque não dizer, para o Brasil.

No dia 30 de abril de 1991, Machado através da portaria nº 1238 instituiu uma Comissão para estabelecer normas para a realização do Concurso Nacional "Engenho Central", com o objetivo de conferir uma destinação sócio-cultural aos imóveis, sob a presidência de Jefferson Oliveira Goulart, então Secretário de Cultura do Município.

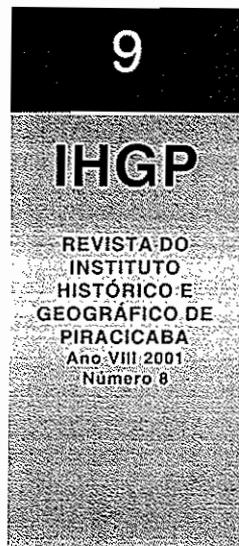
Em 14 de maio de 1992, foi enviado ao Prefeito e às entidades da Sociedade Civil o Pré-Programa do Engenho Central. (6)

Em 31 de dezembro de 1992 venceu o mandato do Prefeito José Machado.

Em 1998, na administração Humberto de Campos, elaboramos um processo descritivo de todo o conjunto arquitetônico do Engenho Central com os seus 12.000 m2 de área construída, incluindo os 75.000 m2 de área verde às margens do rio Piracicaba e anexamos a história, as plantas e o levantamento fotográfico. Toda essa documentação foi enviada ao IPHAN solicitando o seu tombamento, transformando em PATRIMÔNIO NACIONAL essa herança piracicabana do século XIX.

Na época o Procurador Geral do Município, Dr. João Carlos

6. Ofício Circular 10/92 – Secretaria de Ação Cultural.



7. Jornal de Piracicaba, 11 de novembro de 1998, p.A-8.

Carcanholo afirmava que a administração estava aguardando o Supremo Tribunal de justiça julgar o recurso especial interposto pelo Executivo, que apela para a redução do valor do(s) imóvel (s) em até 50%, ou seja, de R\$7.5 milhões para R\$3.75 milhões. Declarava ainda que, o julgamento deveria sair em sete meses, e que após o julgamento, o município teria o prazo de três anos para efetuar o pagamento. (7)

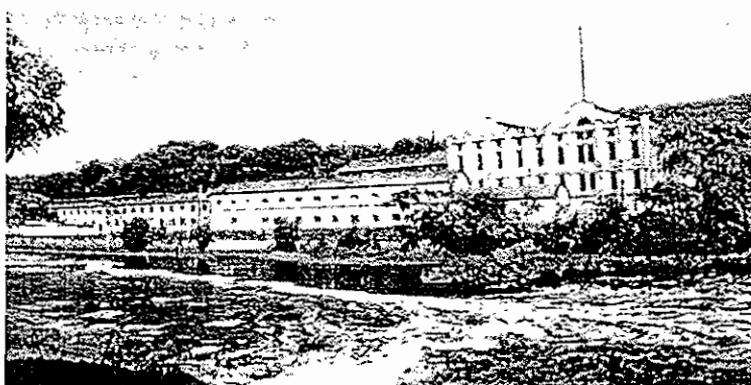
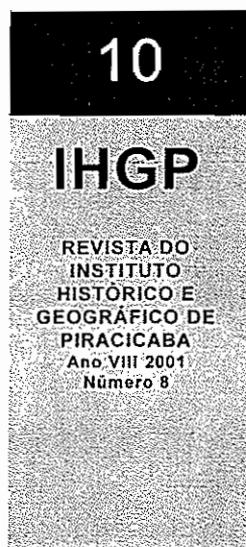
Acredita-se que o Engenho Central de Piracicaba tornando-se Patrimônio Nacional, aí sim, todos os entraves para a sua restauração e transformação no maior PARQUE CULTURAL DA AMÉRICA DO SUL serão vencidos.

#### BIBLIOGRAFIA

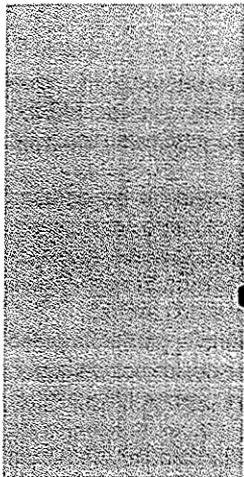
- ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE PIRACICABA.
- CAPRI, Roberto. Piracicaba – S.Paulo-Brasil, Editor Roberto Capri, 1914
- FERRAZ, Mário de Sampaio. Piracicaba e sua Escola Agrícola. 5ª ed. Verteneuil Cia. Desment, Bruxelas, Bélgica, 1911.
- GUERRINI, Leandro. História de Piracicaba em Quadrinhos, 2º volume, Ed. IHGP, Piracicaba, SP, 1970.
- KRÄHENBÜHL, Hélio Morato. Almanaque Piracicaba, Tipografia Paulista, Piracicaba, SP, 1955.

#### JORNAIS

- GAZETA DE PIRACICABA, várias edições
- JORNAL DE PIRACICABA, várias edições
- DIÁRIO DE PIRACICABA, várias edições.



Engenho Central de Piracicaba



# **A CIÊNCIA GEOGRÁFICA EM EVOLUÇÃO**

## **da Antiguidade à Globalização**

João Luis Franchi<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo aborda aspectos da ciência geográfica no Exterior e principalmente no Brasil, além de enfatizar a contribuição das diversas correntes geográficas que se foram consolidando através do tempo. Segundo Manuel Correia de Andrade (1987), a Geografia é a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza e como o espaço geográfico se organiza. A importância social da Geografia é acentuada ao se saber que cada sociedade, cada formação social gera um tipo de relação, de espaço. Atualmente, apesar do processo de globalização, que eleva o sistema capitalista hegemônico, o que vemos é a produção de diferentes espaços geográficos, fruto da própria diversidade das sociedades.

**Palavras-chave:** Geografia; História do pensamento geográfico brasileiro; Geografia e globalização.

A Geografia, como ciência sistematizada e institucionalizada, é fenômeno recente, surgido na segunda metade do século XIX, primeiramente na Alemanha, quando este Estado-Nação estava em pleno processo de unificação. Contudo, o conhecimento é tão antigo quanto a existência dos primeiros agrupamentos humanos. O homem descobriu que o domínio sobre o meio em que vivia era um importante atributo para a manutenção da vida e dos recursos desses primeiros grupos. Posteriormente, com as civilizações mesopotâmicas, as sociedades que lá se estabeleceram viram a importância do elemento água, base de todo o desenvolvimento dessas civilizações, que floresceram às margens dos rios Tigre e Eufrates.

A civilização egípcia logrou grande esplendor ao explorar as terras férteis às margens do rio Nilo. Contudo, é na Grécia antiga que a Geografia começa a ganhar corpo, desenvolvendo-se quase simultaneamente com a Filosofia. Coube ao grego Estrabão usar pela primeira vez o termo Geografia, sendo Geo = terra e Grafia = tratado, estudo. Eratóstenes, geógrafo grego e bibliotecário em Alexandria, conseguiu com incrível precisão, estimar o diâmetro do planeta e a Ptolomeu,

1. O autor está no último ano do curso de Geografia da Unesp de Rio Claro.

11

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII, 2001  
Número 8

coube discutir a polêmica teoria do geocentrismo no século II d.C., que viria a ser um paradigma de verdade durante toda a Idade Média, superado posteriormente pela teoria heliocentrista de Copérnico, que Galileu Galilei veio a comprovar cientificamente.

Na América pré-colombiana, os incas, os maias e os astecas também desenvolveram técnicas geográficas extremamente sofisticadas.

Na Idade Média, o saber científico ficou restrito ao saber eclesiástico, resultando num período de pouco desenvolvimento da ciência. Nesse período, uma das melhores escolas geográficas foi a dos árabes.

Com o advento da Idade Moderna, a ciência ganha impulso extraordinário e ocorre o fenômeno de especialização dos ramos de saber.

No final do século XIX, com Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Friederich Ratzel e Elissé Reclus, ocorre a institucionalização da Geografia na Alemanha, surgindo a denominada Escola Alemã de Geografia, de caráter determinista. Posteriormente, já no final do século XIX e início do século XX, cresce a Escola Francesa de Geografia, de caráter possibilista e funcionalista, e que tem em Paul Vidal de la Blache, seu grande teórico. A geografia francesa foi uma reação à geografia alemã, sendo que esta era acusada pelos franceses de ser uma Geografia do poder, ligada aos interesses geopolíticos da recém-unificada Alemanha. Os franceses propunham uma geografia neutra, onde os estudos regionais teriam grande influência.

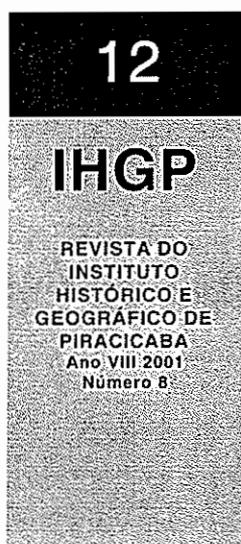
No Brasil, a produção geográfica no período colonial esteve muito restrita. Portugal proibia qualquer tipo de manifestação científica, manufatureira ou comercial que pudesse ir contra os interesses mercantilista da metrópole, que via na colônia, uma mera fornecedora de matérias-primas. Esse bloqueio imposto por Portugal durou mais de 300 anos. O tardio e desigual processo de desenvolvimento do País nessa área se reflete em nossos dias.

Em 1808, com a vinda de D. João VI e da corte portuguesa ao Brasil, é que as ciências começam a ter um pequeno impulso. No período imperial, principalmente no Segundo Reinado, o País recebe muitos cientistas estrangeiros – naturalistas, principalmente, que se impressionam com a diversidade da vegetação do País. É aí que surgem as primeiras classificações de plantas, solos, relevos e hidrografia do Brasil.

Contudo, o Brasil era um gigante fragmentado. Não havia integração nacional. Os sucessivos ciclos econômicos trouxeram apenas benefícios locais, restritos, não tendo o País ainda o sentido de unidade, de identidade nacional.

Esse País fragmentado e desconhecido de seus habitantes foi a tônica que imperou até 1930, quando era governado por elites agrárias que só visavam seus próprios interesses.

Com o início da Era Vargas, em 1930, o Brasil tinha ainda caráter agrário, porém já havia indícios de industrialização. É nesse contexto que, em 1934, é fundada a Universidade de São Paulo, inclusive com os cursos de Geografia e História. O governo Vargas iria se utilizar do conhecimento geográfico para fazer um levantamento do potencial do País, visando principalmente a expansão do sistema capitalista industrial.



Ocorrem então as primeiras regionalizações, que ficariam a cargo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, criado em 1937. A Geografia seria de grande importância para as políticas de planejamento que buscavam integrar o País. Os geógrafos, principalmente nas décadas de 40 e 50, desempenharam grande papel. Muitos geógrafos da Escola Francesa, predominante até então, vieram para o Brasil, como Pierre Mombeig, Pierre Deffontaines e outros.

Como se vê, apesar do discurso de ciência neutra que era pregado pela Geografia Francesa, da qual a Geografia brasileira nasceu, o que vemos é a vinculação do saber geográfico com o poder do Estado, que necessitava do conhecimento geográfico para suas ações.

Além da Escola Francesa de Geografia, predominante no País até a década de 60, surgiram dentro da ciência geográfica novos paradigmas que viam no tradicionalismo e regionalismo francês um modelo ultrapassado. Surge então, uma Geografia denominada Teórica-Quantitativa, que recebe influências do neopositivismo e da Teoria Geral dos Sistemas. Dois grandes centros divulgadores dessa nova corrente foram o Rio de Janeiro ( IBGE ) e Rio Claro (antiga Faculdade de Ciências e Letras, hoje Unesp ).

Posteriormente, ocorre a ascensão de uma geografia ligada a questões sociais, de espaços desiguais, dos sistemas econômicos, resultado da luta de classes – é a Geografia Crítica ou Radical, surgida como resposta à Geografia Quantitativa.

Diz Moreira (1994) que, numa sociedade estruturada em classes, a exemplo da sociedade capitalista, o espaço tem por conteúdo as relações contraditórias dessas classes. Na França, geógrafos como Pierre George e Yves Lacoste tiveram grande participação, principalmente na década de 60 e 70, com a divisão do mundo em sistemas capitalista e socialista.

No Brasil, o grande nome da Geografia Crítica é Milton Santos, geógrafo baiano falecido recentemente, que, após sua volta do exílio, em 1980, foi um grande divulgador e produtor da geografia crítica. Antes dele, Josué de Castro, na década de 50, com suas obras *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, foi outro grande geógrafo brasileiro.

Outras correntes também surgiram dentro da ciência geográfica como a Geografia Humanista ou da Percepção, a Geografia Têmporo-Espacial e a Geografia ligada à ecologia.

Hoje, essas diversas correntes interagem, fazendo da ciência geográfica brasileira uma das melhores do mundo. Os grandes centros de pesquisa da Geografia no País estão ligados principalmente às instituições públicas de ensino superior, como a Universidade de São Paulo, a Universidade Estadual Paulista (Rio Claro e Presidente Prudente), a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal da Bahia e outras.

Entre tantos geógrafos que fizeram época no século XX, podemos citar Delgado de Carvalho, Aroldo de Azevedo, Aziz Nacib Ab Saber, Milton Santos, Josué de Castro, Carlos Augusto Figueiredo

13

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

Monteiro, Antonio Christofolletti, Ruy Moreira, Berta Becker, Antonio Teixeira Guerra, Manuel Correia de Andrade, Jurandyr Ross.

A Geografia deixou de ser uma ciência meramente descritiva, tendência esta ainda presente em muitos livros didáticos de ensino fundamental e médio. Ao contrário, é uma ciência participativa e que busca analisar as relações desiguais entre os homens e a consequente espacialização dessa desigualdade, sempre tendo em vista as relações com o meio físico. Utilizando modelos de análise como a paisagem, o lugar, a região, o território e, mais recentemente, as redes, a Geografia leva ao estudante ou pesquisador a compreender o espaço em que vive - o espaço geográfico, dando instrumentos de planejamento, de conscientização e de transformação para uma sociedade mais justa e participativa.

### Conclusão

Neste início de novo milênio, marcado pela globalização da economia e pela mundialização cultural, a Geografia novamente aparece como poderoso instrumento de análise, e principalmente, de conscientização e alerta contra esse sistema que está aniquilando países periféricos como o Brasil. Esse processo reflete-se em muitas realidades geográficas como a própria urbanização.

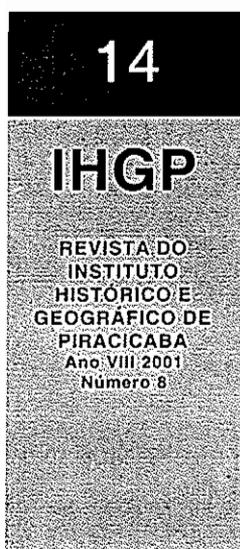
Nas metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, o que vemos são *ilhas de riqueza* rodeadas por um *mar de pobreza*. No campo, os pequenos proprietários se rendem aos grandes complexos agro-industriais, voltados para uma economia de exportação. No mercado de trabalho, o que vemos é a impotência do Estado em oferecer oportunidades de trabalho, pois há duas décadas o País cresce pouco.

Na área social, Wacquant (2001) diz que a desregulamentação do chamado *Estado Social* só serve para a expansão do capital financeiro, sendo que contra as grandes massas de excluídos, surge um *Estado policial e repressor*, oprimindo aqueles que não contam na contabilidade nacional.

Portanto, a Geografia ressurgiu no século XXI como um instrumento que pode ser utilizado pelas sociedades como forma de mudança de paradigmas desse modelo consumista, que só elevou as desigualdades entre os povos, e que necessita uma resposta sustentável e equilibrada.

### Bibliografia

- ANDRADE, Manuel Correia. *Geografia: ciência da sociedade – Uma introdução à análise do pensamento geográfico*. Editora Atlas, São Paulo, 1987, 143 p.
- LACOSTE, Yves. *Geografia do Subdesenvolvimento – Geopolítica de uma Crise*. Difel, 7ª edição. São Paulo, SP, 1985, 335 p.
- MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. Editora Brasiliense, 14ª edição. São Paulo, 1994, 113 p.
- WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001, 174p.



## **SANTA CASA DE PIRACICABA ELEGE NOVA DIRETORIA**

**João Orlando Pavão<sup>1</sup>**

Os Irmãos com idade superior a 21 anos, e que integram a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba há pelo menos 4 meses, foram convocados para a eleição, que indicou, em março de 2002, a Diretoria que comandará os rumos da instituição até março de 2005. Além de um provedor, foram eleitos o vice-provedor, dez diretores e seis suplentes.

Apesar de o processo eleitoral permitir a inscrição irrestrita de chapas compostas por Irmãos da Santa Casa, apenas a chapa encabeçada pelo advogado João Orlando Pavão, provedor na gestão anterior, se inscreveu para a eleição, que reuniu cerca de 200 pessoas no dia 25 de março de 2002, no salão de convenções do hospital.

"Minha candidatura refletiu o desejo de entidades ligadas à saúde, médicos, funcionários e amigos que me procuraram, solicitando a permanência desta mesa diretora", revela Pavão, ressaltando, sobretudo, o apoio que recebeu da família, do ex-provedor Joaquim Mário Pires Ferreira, do Grupo de Vicentinas e das Irmãs da Santa Casa. "Formamos um time que, ao longo desses três anos, aprendeu a atuar em harmonia, tendo o bom senso como base das decisões".

Pavão justificou a permanência da maioria dos integrantes da Diretoria anterior, parabenizando a todos pelo "desprendimento e garra demonstrados ao longo desses três anos de lutas, que não foram poucas, nem fáceis", afirma, lembrando que, além de exigir empenho e dedicação, os cargos não oferecem retorno financeiro, já que os postos não são remunerados. "Trabalhamos pelo desejo de servir a comunidade", justifica Pavão.

Além de Pavão, integram a Diretoria o vice-provedor, José Rosário Losso Neto; os secretários Mário José Ronsini e Diovaldo Ângelo Pizzinato; os tesoureiros Alexandre Valvano Neto e Ezequiel Meloto; os mesários Cicero Portela, João Ferraz de Arruda, Antônio Nascimento, Décio Sodrzeieski e Eugênio Caput; e os suplentes Ysnel Valvano, Luiz Gonzaga Hercoton, Júlio Assari, Edílio Furlan Gianetti, Wolney Stoff e Adilson Zampieri.

Integram o Conselho Consultivo os senhores Brasílio João Ribeiro, Paulo Ferrari, Walter Zoccoli, Samir Tufic Arbex, Júlio Lázaro

1. Advogado e Provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, de Piracicaba.

15

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

Sierra, Argemiro de Camargo Rossi, Roberto Denipotti, Ary Marconi e as senhoras Maria Amélia Leitão Ronsini e Patrícia Lafayete Carcanholo.

#### Ações revelam gestão atuante

Entre as ações implementadas na gestão 1999/2002 pela Diretoria anterior, figuram os esforços empreendidos junto ao Governo Federal, que resultaram no repasse de mais de R\$ 1 milhão destinado a custeios. Destaque também para as reformas e reestruturação da Maternidade MB; Pavilhão E; unidade de internação AP 4; Pediatria Monsenhor Rosa; Centro Cirúrgico e despesa da cozinha do hospital.

Também foram investidos cerca de R\$ 800 mil na aquisição de equipamentos e instrumentais cirúrgicos e viabilizadas obras para adequação do Centro Obstétrico; Banco de Olhos; sala de órteses e próteses; sala para o Programa de Controle pela Qualidade Total; reforma nas Oficinas que atendem o hospital; construção de banheiro e vestiário na Lavanderia, e ampliação do espaço para o arquivo morto.

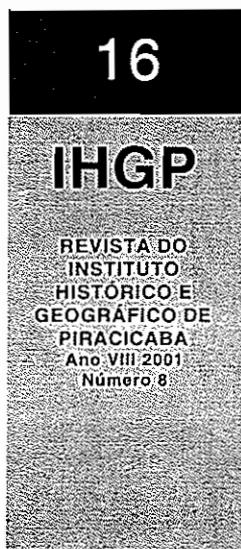
A relação de conquistas também é grande e relaciona café da manhã e da tarde aos funcionários; implantação do Plano de Cargos e Salários; uniformes para as recepções; transferência do IML; implantação do Centro de Prevenção e Promoção de Saúde; ampliação da equipe de vendas do Santa Casa Saúde e aquisição de veículo para o plano.

Ao longo desses três anos, a Santa Casa conquistou também o credenciamento junto ao SUS das unidades de buco-maxilo-facial, videolaparoscópicas, de transplantes renais e de córneas. Em pendência, o credenciamento para a Maternidade exclusiva a Gestantes de Alto Risco e Laqueadura. Em andamento, projetos voltados à implantação da UTI pediátrica; ampliação da unidade de Oncologia; ampliação do Emcor e da Hemodiálise; implantação de clínica Urológica e alteração da fachada externa do hospital para adequação de nova entrada de veículos.

#### Investimentos marcam os 148 anos da Santa Casa

Em 2002, a Santa Casa de Piracicaba completa 148 anos de fundação. Um marco na história das filantrópicas, arrebatadas por crises econômico-financeiras que têm colocado em cheque o atendimento à população mais carente que necessita dos serviços oferecidos pelo SUS, para quem o hospital direciona mais de 60% de seus serviços.

Instituição de porte médio, com 335 leitos, 1.000 funcionários e cerca de 250 médicos que atuam em mais de 40 especialidades, a Santa Casa de Piracicaba tem conseguido registrar uma história diferente, marcada por mudanças responsáveis por uma estrutura administrativa enxuta, embasada no trabalho desenvolvido em parceria com a mesa diretora, médicos e funcionários. Ao longo desses anos, enfrentou e superou crises, transformando os desafios em conquistas que a tornaram referência regional. Respeitada, mantém programas e



projetos considerados essenciais ao funcionamento adequado do hospital.

Merecem destaque a implantação e manutenção de seu próprio plano de saúde; investimentos em programas de gestão pela qualidade total, de informatização dos setores e de pesquisa com o cliente para humanização do atendimento; reformulação e reforma do hospital Santa Isabel (já em curso); conclusão das obras do novo lactário e ampliação da Maternidade MB (que atende exclusivamente ao SUS), além de projeto para ampliação e remodelação do Cecan – Centro do Câncer, da cozinha do hospital e implantação da UTI pediátrica, com ampliação da UTI Neonatal, a primeira inaugurada na região.

### Um pouco de história

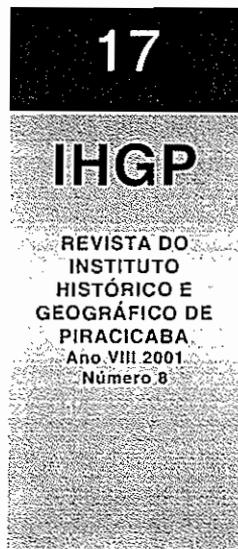
Implantada em 1.854 pelo comerciante português José Pinto de Almeida, numa sessão da Igreja Matriz, na antiga Vila da Constituição, a Santa Casa de Piracicaba exhibe, através de sua rica arquitetura, detalhes de uma época em que a filantropia era, de fato, exercida pela ação direta da sociedade. Tanto que, no início, quando o hospital funcionou provisoriamente na Rua da Glória, esquina com a então Rua Direita, numa pequena casa cedida pelo seu fundador para o atendimento dos enfermos, pobres e necessitados, o trabalho era exercido gratuitamente por alguns médicos.

Vinte e dois anos depois, em 1876, foi construído o hospital na atual rua José Pinto de Almeida, entre as ruas XV de Novembro e Moraes Barros. Sem patrimônio, funcionava à base de doações. Documento datado de 1919 relaciona alunos do grupo Escolar Moraes Barros que fizeram doações em dinheiro para ajudar o hospital a se manter.

Em 15 de agosto de 1935, o hospital foi transferido da antiga sede para os altos da Avenida Independência, onde funciona até hoje. Já naquela época, a Santa Casa de Piracicaba era considerada uma das melhores do Estado. A mudança do velho hospital para o novo exigiu trabalho e sacrifício e, durante dois dias, o transporte de doentes e mobiliários se deu através de caminhões e automóveis cedidos por proprietários. O atendimento médico no ambulatório e as operações cirúrgicas foram suspensas por uma semana.

### Em 148 anos, 26 provedores passaram pela Santa Casa

O primeiro quadro a integrar o acervo histórico da Santa Casa de Piracicaba foi, obviamente, o de seu fundador, o português José Pinto de Almeida, que instituiu a Irmandade em 1854. A tela, exposta no vestibulo do salão nobre do hospital juntamente com dezenas de quadros de outros provedores, não identifica o autor nem o ano em que obra foi concluída, mas tudo indica que o quadro tenha sido exposto depois de 1857, quando encerrou-se o mandato de Pinto de Almeida.



Nos quase 148 anos de sua fundação, 26 provedores se revezaram no comando da Santa Casa, sendo os últimos quadros anexados à galeria dos ex-provedores por iniciativa da atual Diretoria que, em março de 99, homenageou os Doutores Coriolano Ferraz do Amaral, Nelson Meirelles, Francisco Munhoz e Fleury Botene, que ocuparam o cargo entre as décadas de 20 e 70; e, em março de 2001, também o ex-provedor Joaquim Mário Pires Ferreira, que permaneceu à frente da provedoria por nove anos consecutivos, de 1990 a 1999.

### **Serviço de Cirurgia Cardíaca é um dos mais atuantes do Estado**

O Serviço de Cirurgia Cardíaca da Santa Casa de Piracicaba é um dos mais atuantes do Interior do Estado de São Paulo. A afirmação é do médico cardiologista Amauri Groppo, que integra a equipe de cirurgiões cardíacos da Santa Casa de Piracicaba e preside a Sociedade de Cirurgia Cardiovascular do Estado de São Paulo.

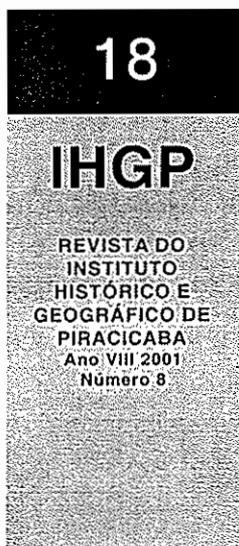
"Nossa afirmação está fundamentada em dados estatísticos da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular e do Incor- Instituto do Coração, que, juntos, coordenam a Câmara Técnica de Cirurgia Cardiovascular do Ministério da Saúde", afirma Groppo. Ele lembra que, desde que foi implantado, há 11 anos, o Serviço já executou cerca de 3.100 cirurgias e implantou mais de 600 marcapassos. "São números expressivos e indicam uma média de 30 a 35 cirurgias mensais", estima. Segundo ele, o movimento normal na maioria das instituições de saúde registra média de 15 a 30 cirurgias/mês. "Estamos acima da média".

Segundo o cirurgião, o Serviço de Cirurgia Cardíaca da Santa Casa está estruturado para realizar, praticamente, todos os tipos de procedimentos cirúrgicos na área cardiológica. "Só não operamos casos de cardiopatias congênitas em recém-nascidos e crianças de baixo peso porque ainda não temos uma UTI pediátrica específica ao cardiopata", justifica.

Entre os casos mais comuns, Groppo cita as coronariopatias, quadro que representa até 65% do total de ocorrências e exige a implantação de pontes de safena para vencer as obstruções que impedem o fluxo normal de sangue pelas veias coronárias. "Tratamos também as valvopatias através da troca de válvulas do coração, as cardiopatias congênitas e os aneurismas da aorta, entre outras patologias do coração", informa Groppo.

### **Estrutura de apoio proporciona dinamismo ao Serviço**

Para o cardiologista Amauri Groppo, um dos responsáveis pelo Serviço de Cirurgia Cardíaca da Santa Casa de Piracicaba, cuidar do coração, restabelecendo a saúde física do órgão que, por sua vez, garante a sobrevivência em condições praticamente normais do cardiopata, tem sido um desafio vencido com o auxílio da tecnologia, da especialização da equipe e do trabalho em conjunto realizado por diversas unidades que compõem o complexo hospitalar.



Grosso justifica a atuação do Serviço, lembrando que a unidade surgiu em dezembro de 1990, assumindo o posto de referência regional para as 25 cidades que compõem a macrorregião da DIR XV- Direção Regional de Saúde e alguns municípios também das Divisões Regionais de Saúde que englobam as cidades de Campinas e São João da Boa Vista. Ele explica que a unidade cardiológica da Santa Casa agrega hoje mais de 30 médicos especialistas e centraliza grande parte do movimento cirúrgico de cardiopatas da região. "Mantemos uma gigantesca estrutura de apoio, que conta com a retaguarda de um centro cirúrgico moderno e bem equipado, profissionais altamente capacitados, sala cirúrgica própria e quatro leitos de UTI específicos ao pós-operatório do cardiopata", revela. O cirurgião cita ainda o esforço dos médicos especialistas, que constantemente reciclam seus conhecimentos através da realização de trabalhos científicos e participação em congressos nacionais e internacionais.

19

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

## CURIOSIDADES DO GÊNERO NEUTRO

F. Pimentel-Gomes  
Ex-Presidente do IHGP

Quem já estudou Inglês, Latim ou Alemão sabe que certas línguas admitem três gêneros: o masculino, o feminino e o neutro. Por exemplo, no Alemão, o artigo definido tem três formas: a masculina *der*, por exemplo, *der Mann* (o homem), a feminina, *die*, por exemplo, *die Frau* (a mulher), e a neutra, como em *das Kind* (a criança), *das Buch* (o livro), ou, por estranho que seja, *das Fräulein* (a moça, a senhorita). (É oportuno esclarecer, antes de mais nada, que, em Alemão, todo substantivo se escreve com letra inicial maiúscula).

Cá na nossa Língua Portuguesa não há artigo neutro, há só o masculino (*o*, o homem) e o feminino (*a*, a mulher, a senhorita) e os seres que não têm sexo se distribuem arbitrariamente pelos dois gêneros: o caderno, o livro, a mesa, a rua. Não há artigo neutro, nem substantivos neutros. Mas existem, como vestígio do passado, alguns pronomes que não se dizem neutros, mas que na verdade o são: isto, isso, aquilo, tudo, nada, algo. Tais pronomes, quando qualificados, levam os adjetivos para o gênero masculino. Por exemplo: *Isto é bom*; *Nada é mau para ele*; *Tudo é aceito pelo professor*.

No Inglês, há um só artigo (*the*) para os três gêneros: *the man* (o homem), *the woman* (a mulher), *the book* (o livro). Mas existem três pronomes da terceira pessoa: o masculino (*he* — ele), o feminino (*she* — ela) e o neutro (*it*, que não tem correspondente em português). Curiosamente, porém, o pronome neutro *it* é substituído pelo feminino *she* em muitos casos em que na verdade caberia a forma neutra *it*. Segundo o dicionário de Webster, *she is applied to things grammatically feminine... in connection esp. with boats, vehicles, the moon and planets*, isto é: *she* se aplica a coisas gramaticalmente femininas, especialmente no que se refere a barcos, veículos, a Lua e os planetas. Mais adiante ele explica que também se aplica o pronome feminino *she* para pássaros, gatos e lebres. Por exemplo: *I got a new car; she is white*. Tradução literal: Consegui um carro novo; ela é branca. *My cat is old; she is not here today*. Tradução literal: Meu gato é velho; ela não está aqui hoje.

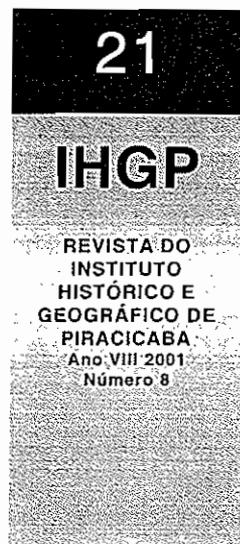
20

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

Ao contrário do Português, o Espanhol tem gênero neutro para o artigo e os substantivos. Os artigos definidos são *el* (masculino), *la* (feminino) e *lo* (neutro), no singular, *los* (para o masculino e o neutro) e *las* (para o feminino), no plural. São neutros os adjetivos substantivados, por exemplo *lo lindo*, *lo cierto*. Não se pode dizer, portanto, *lo perro*, mas *el perro* (o cão), *la perra* (a cadela). No plural, porém, é correto dizer *los perros* (os cães), pois *los* é plural tanto do neutro *lo* como do masculino *el*. Por outro lado, não é correto dizer *el lindo*, ou *el cierto* pois *lindo* e *cierto*, como substantivos, são neutros, exigem o artigo *lo*.

O gênero neutro do Espanhol, que não ocorre no Francês, nem no Italiano, é certamente uma das diferenças maiores entre o Português e o Espanhol.



## REIDE PIRACICABA - SÃO PAULO

José Luiz Guidotti(\*)

\* Sócio Titular, Navegador e  
Escritor.

A viagem náutica realizada por seis jovens piracicabanos em 1937, de Piracicaba a São Paulo, em um "Yole" de 4 remos, era por mim conhecida, inclusive a relatei, embora resumida, em meu livro "Navegando Pelo Piracicaba".

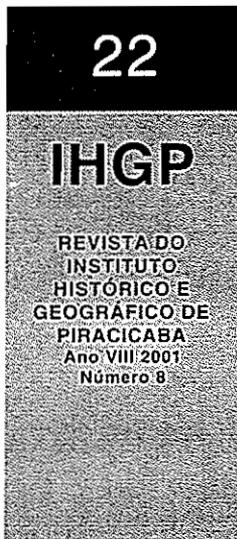
Mas, o que achei fantástico, e desconhecia completamente, era o fato que Sylvio de Aguiar Souza, um dos participantes da viagem, havia escrito um *Diário de Viagem*, e mais ainda, que este "diário" havia sido publicado em capítulos no *Jornal de Piracicaba*, nos meses de janeiro e fevereiro de 1938, e isso eu descobri por acaso, durante as pesquisas que estou realizando para o uma entidade de Piracicaba.

Vamos à transcrição na íntegra do *Diário de Viagem*, respeitando a ortografia da época.

### *Reide Piracicaba-São Paulo*

#### *Diário de Viagem de Sylvio de Aguiar Souza*

*Na época do aeroplano e do dirigível parece um paradoxo empreender-se uma viagem arriscada por terra ou por água, cheia de peripécias e de dificuldades de toda natureza. Entretanto ahi estão os fatos para demonstrar que, apesar de todos os confortos dos vehiculos e dos modernos meios de transporte, ha esportistas que preferem, as vezes, enfrentar os accidentes da natureza e todas as conseqüências de uma viagem arriscada para melhor sentir sua terra, amal-a e conhecel-a em tudo quanto possui discretamente guardado nos escaminhos de sua grande alma. Desta forma os irmãos Prates da Fonseca venceram a distância São Paulo-Buenos Aires por via fluvial depois de memorável reide; um pescador cearense, em simples jangada das usadas pelos pescadores do norte, imitou o grande Ulisses afrontando as ondas e os tubarões desde a sua terra natal até o Rio de Janeiro; dois piracicabanos, um dos quaes o sr. Cândido Motta de Toledo Piza, já fizeram, há uns dez annos a ligação fluvial, por meio de canoa, entre Piracicaba e Porto Feliz; dois jovens brasileiros, após uma accidentada viagem que durou dez anos (!!!) acabaram de chagar, em*



*um Ford typo antigo, a Nova York, onde foram recebidos pelas mais altas autoridades da cidade; os reides a pé ou a cavallo não tem conta, e assim o homem, o eterno pesquisador, o constante investigador que não se cansa das sensações inéditas e dos estudos e observações de toda natureza e da natureza inteira em tudo quanto ella encerra de maravilhoso e divino, não se cansa de pôr á prova seus próprios recursos naturaes, sua resistência moral e physica, sua intelligência e habilidade nas luctas contra os elementos em memoráveis arrancadas esportivas. O que são o caçador e o pescador sinão esportistas de fibra no sentido verdadeiro do termo? Embrenha-se o caboclo na matta e pântanos; emprega e estuda todos os ardis para altrair a caça intteligente e furtiva; realiza a melhor das gymnasticas transpondo grotões e despenhadeiros; a vao ou a nado, galga os rios a ribanceira opposta; cerca a caça esquiva nas ciladas ou nos aceiros depois de doidas corridas a pé ou a cavallo, ou encara corajosamente a perigosa vara dos bravios queixadas que lhes despedaçam os cães ou lhes dilaceram as pernas para depois morrerem com uma carga de chumbo e tombarem vencidos aos pés do inimigo secular!*

*Eu não admiro apenas o esporte moderno, em água ou em terra, os atletas de nossa geração que realizam proezas e reides memoráveis; mas admiro, também, os primitivos caçadores, nossos ancestraes, que foram mestres no esporte cynegelico e nos deixaram sábias lições que mais cedo, mais tarde, temos de abandonar, porque o exercício da caça é um esporte que tende a desaparecer pelas dificuldades que cada vez mais apresenta. Mas o caçador não é apenas esse monstro que tudo destróe e que traz no coração um grande insopilavel anseio de extermínio, mas, quasi sempre, um mystico, um idólatra da natureza com a qual entra em contacto permanente como se ella fosse a encarnação do Creador e que deante do seu grande altar procurasse entrar em comunhão com a suprema força que nos governa e nos guia, cada caçador tem, em sua alma, uma centelha deste amor em contacto com os gigantes das florestas em cujos galhos viceja a parasita ou se aninham os pássaros para a perpetuação da prole... Há uma música em surdina em cada canto, e abençoados aquelles que ouvem e entendem porque conquistam a felicidade na interpretação das coisas sagradas dentre as quaes avulta a natureza, mãe de todos nós e de todas as coisas e creaturas da terra!*

#### Parte II

*O Clube de Regatas de Piracicaba é uma entidade esportiva que honra nossa cidade, que eleva o nome do atletismo em toda parte onde se apresenta, uma escola de força e músculos que tem formado phalanges de homens de fibra operado verdadeiras metamorphoses nessa mocidade que, á manhã ou á tarde, procura o grade rio para seus treinos diários de remo, natação ou bola ao cesto. Os trophéos lá se acham guardados como relíquias de um passado cheio de glórias, enquanto que no presente as mesmas luctas, o mesmo afan de progresso se verificam para que jamais se perca o impulso inicial, o*

23

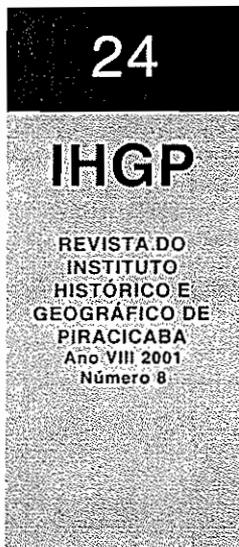
IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

*espírito que sempre reinou entre aquelles que o têm dirigido. Mas havia uma prova a que o Regatas ainda não se havia entregado; havia um ponto no seu programa que precisava ser cumprido, e este era um reide fluvial de grande envergadura, já realizado, como vimos atraz, por outros clubes, ou empreendidos por iniciativa particular, quando elle tudo possúe ao seu alcance para levar a effeito qualquer plano que lhe antolhe no alludido terreno: material, e elemento de primeira ordem. Pois foi por este motivo que, uma palestra de uma sugestão apresentada por um dos sócios do grande clube ribeirinho nasceu o plano do reide Piracicaba-São São Paulo, há pouco levado a cabo por uma pleide de amantes do esporte do remo, com a rara felicidade que é do domínio de todos quantos se interessam por essa arrancada vertiginosa, única nos annaes esportivos de 1937; e esse plano cresceu e fructificou, protegido e benfajado por meia dúzia de entusiastas do remo e do esporte, até que se tornou uma esplendida realidade que veio preencher a lacuna verificada até então no programa do Clube de Regatas de Piracicaba.*

*Diz o dictado "que para baixo todo santo ajuda, mas para cima a coisa toda muda". Nada mais positivo e natural; entretanto, si alguém puzer em duvida o velho rifão hoje até nas modinhas populares, faça a mesma experiência; suba o Tietê a remo depois de alguns meses de treino ininterrupto. Encontrará, nos primeiros 300 kifometros, uma violência extraordinária em seu curso, avolumado pelas águas do Sorocaba e do Capivary, e, deste ponto para cima, corredeiras e cachoeiras que não requerem apenas grande força nos remos, mas especialmente habilidade e prudência no leme para transpôr, debaixo para cima, e aproveitando os pequenos canaes que às vezes nos deparam, os perigosos accidentes que põem em risco a embarcação. Só uma destas corredeiras - a "das Pedrneiras" - basta para pôr a prova a resistência de uma guarnição; encontra-se no caminho de Laranjaí, abaixo da balsa uns 300 metros, no logar em que se está construindo uma linda ponte de cimento armado. Neste trecho o velho Anhemby passa todo elle, por uma só fage de diábase e despeja-se de chofre, sem ruído, é verdade, mas com uma violência de desanimar o mais alentado remador.*

*O reide Piracicaba-São Paulo baseia sem mérito justamente nesta arremetida nunca tentada sinão até Porto feliz; não foi feito em canôa, a varejão, ou em embarcações adrede preparadas, mas numa frágil yole a quatro remos, velho barco de corridas, quasi aposentado, e já substituído pelas velozes e efegantes "out-rigges" que não possúem, de outra forma, a sua notória estabilidade. Attingiu um total de 750 kilometros, mais ou menos, porque é muito diffici, quasi impossível, computar o percurso feito com os recursos de que dispúnhamos, isto é, pelo número de horas de remo ou pelas informações das populações ribeirinhas. Si no primeiro caso a velocidade variava de accordo com as condições do rio, pois fazíamos 4,5 e até 7 kilometros á hora, no segundo as informações variavam muito e a gente nunca podia ter uma base segura para cálculo das etapas percorridas. Ha mappas especiaes para esse estudo, mas á falta de um delles, fizemos*



as observações e cálculos por uma carta commum, que, si menciona as grandes curvas, deixa de lazelo com relação as pequenas, que estão numa proporção muito maior.

O trecho Porto Feliz-Salto, por exemplo, que calculamos em 48 kilometros, pelo mappa da Commissão Geographiaca e Geológica, tem, de acordo com informações unanimes colhidas de pescadores e velhos conhecedores do rio, mais 50, que perfazem um total de 98, e com 39 accidentes, entre cachoeiras e corredeiras!

Demais, o tempo gasto numa tão longa viagem, 13 dias e meio, e o peso do barco, que se achava superlotado com a bagatella de 800 kilos, são outras tantas coisas que se devem levar em consideração. Em palestra com velho esportista do remo apresentamos-lhe o projecto de trabalhar durante um mínimo de dez horas diárias. Nosso companheiro arregalou os olhos, deixou cahir o mento, escancarou a boca par nos dizer; Que? Dez horas diárias? Vocês não farão nem oito nesses banquinhos móveis dos yoles!

E o facto provado é que não fizemos dez mesmo, mas 12, 14 e até 18 horas com pequenos intervallos para merenda ou refeição, facto que se deu no dia 7, lerceiro da partida, entre Porto Martins e os dois terços do caminho que o separa de Anhemby.

Levamos muita lataria e carne em conserva, leite condensado, ovos da granja Vallonia, gentilmente cedidos pelo seu proprietário, assucar, café, grande quantidade de pães, bateria de cozinha, barracas, ferramenta (só a caixa de ferramenta do Guido pesava uns 40 kilos!), gasolina, álcool, vasilhame para água potável, roupas, objetos de uso particular, etc., inclusive uma tarrafa e armas que de nada valeram e que ficaram em Anhemby aos cuidados do sr. Olnisio Gonçalves, que as redespachou para cá por meio da jardineira. Aliás, neste ponto fiquei bem vingado de alguns teimosos que, apesar de meu pedido eloquente, metteram no barco aquelles materiaes que foram verdadeiros trambolhos até as localidade a que faço referencia. Não houve tempo para caças, nem tão pouco para pescar, e é lamentável, mesmo, dizer que em todo o trajecto desta cidade a São Paulo só nos occorreu a presença de um bando de capivaras no barranco; assustadas com nosso barulho, se pozeram em disparada para diferentes direcções, desorientando completamente o único caçador que "ainda" conservou um fogo central de calibre 24, o Orestes Signorelli. De resto, nada mais vimos digno de ser allingido pela arma de fogo e aproveitado para a nossa alimentação, sendo que a própria capivara, não que fosse morta, seria um bello "abacaxi" oferecido pelo "trabuco" do Signorelli. Fóra disso, vimos árvores apinhadas de garças brancas com algodão e ouvimos, de principio a fim, o canto melodioso do sabiá que, ao lado do curió e da araponga, enchia de encanto a solidão dos sítios de mistura com o rumor das cachoeiras e a poesia das tardes e madrugadas em pleno coração da natureza esplendida!

Transportar a tal capivara do malogrado e improvisado caçador seria carregar mais um fardo inútil, de 80 kilos, no mínimo, e aguentar a pressão da água no barco, de fora para dentro fazendo que ella penetrasse em maior quantidade pelas pequenas fendas que se

25

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

abriam amiúde e que eram calafetadas com esparadrapos especiais, depois de posto o barco a secco. Viajamos, assim, até São Paulo, com um serviço constante de esgotamento da iole, que carregou, apesar de nossos cuidados, mais de 20 ou 30 litros de água durante todo o percurso feito.

### Diário de Viagem

Feitas estas considerações acerca de nossa arrancada até a capital, que julguei necessárias para esclarecimento dos que se interessarem por este diário de viagem, passo a expôr, succintamente, o que de mais importante e digno de nota se deu durante o percurso, pois só assim satisfarei a curiosidade de muitos conhecidos e amigos que amiúde me perguntam sobre este modesto relatório que, si não estiver a contento de todos pelo menos terá a vantagem de orientar futuros empreendimentos e de ser o testemunho incontestável do notável feito aquático para as futuras gerações.

Tudo providenciado e disposto nas grandes latas de zinco de antemão preparadas e que acompanhavam o formato do barco, dispuzemo-nos para a partida, às 8 horas do dia 5 de dezembro de 1937, sem zambumbas, nem banda de música, nem foguetórios ou "vivas" desafinados ou roufenhos: ella era certa, mas a chegada, problemática, motivo pelo qual, e pensando "que o homem põe e Deus dispõe", achamos melhor não assustar as águas e sahir quietinhos, apenas com a presença de alguns amigos mais chegados e grandemente interessados pelo grande reide, então em simples projecto, sob o entusiasmo de seis homens dos quaes eu era o mais velho: Guido Pettinazzi, Sidney Pelta, Orestes Signorelli, Braz Grisolia e Osiris Toilane. Eram precisamente 8 horas da manhã quando tudo se achava em seu lugar, em uma manhã fresca e sem sol que nos proporcionou bons momentos para uma "puxada" inicial em condições de alcançar em muito breve o porto de João Alfredo, o que se realizou às 10 horas e 10 minutos do mesmo, isto é, após duas horas e pouco de trabalho. Às 14 horas e meia abicamos o sítio chamado Dois Córregos, que pertenceu ao sr. Josino Machado, e depois de um saboroso café e succulento lanche, que foi o nosso almoço do dia, prosseguimos a viagem até encontrar o bellissimo local que tem o nome de "Prainha", onde o rio Piracicaba, em caprichosa curva, apresenta a mais bella e encantadora praia fluvial jamais vista por mim e por meus companheiros de excursão, sítio que deve ser conhecido por todo piracicabano amante dos bonitos aspectos da natureza.

Da "Prainha" partimos na esperança de pernoitar no rancho do dr. Jacob Diehl Neto, apesar de haver o mesmo dito ser humanamente impossível realizar, nas condições em que nos achávamos, tal feito em um só dia. Mas, ao esforço das largas pás dos remos da guarnição accrescentou-se o de um remo caipira, manejado nos trechos duros ou nos momentos de pressa por quem se achava de folga sentado num banquinho preparado adrede pelo Tuffi, bem atrás do barco. Sómente com tal auxilio e de uma boa vontade própria do primeiro dia de viagem

26

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

e remando ininterruptamente até às 9 horas da noite poderíamos conseguir nosso desejo, mas qual: não se via o tal rancho, sempre confundido com os outros na ânsia de chegar, até que veio o "prégo", galgamos o barranco difícil, e nos atiramos ao "berço" (chão duro, apenas coberto pelos encerados das barracas), depois de um café simples visto termos feito segunda refeição á tardinha em uma praia de pedregulhos a algumas horas acima do local do primeiro pouso.

No dia levantámo-nos cedinho aprestámos rapidamente o barco para seguir viagem; não fizemos, talvez, 200 metros, quando vimos á nossa direita, um rancho, e á esquerda um caboclo retirando o producto de sua pindacoema. Cumprimentado o pescador, perguntamos de quem era o tal rancho. — Do dr. Jacob, disse-nos elle.

Estava quebrado, pois, o encanto, e o esforço sobre-humano de attingir o rancho de pesca do Jacobzinho foi realizado numa tirada de cento e poucos kilometros rio abaixo, até ás 21 horas, quando nos utilizamos, pela primeira vez, de nossas lâmpadas de carbureto para alumiar a superfície do rio, coalhado de obstáculos perigosos, especialmente tocos e ramadas que offerecem grandes perigos á navegação.

Sentimos, entretanto, não termos aproveitado da boa oportunidade de pernoitar no rancho, porque a pouca projeção da luz de nossa lâmpada não nos permitia divisar qualquer coisa que fosse nas ribanceiras cobertas de alta vegetação; mas o percurso estava feito, e só depois é que soubemos que o dito rancho fica a meio caminho entre o paredão do Rosário e a balsa á caminho de Santa Maria a Anhemby.

Padecemos, no primeiro dia de viagem, uma grande sêde, porque o rio Piracicaba estava imundo e não havia, pelos barrancos, água potável de que nos servíssemos. Cheio o vasilhame pela última vez pouco abaixo dos "Dois Córregos", exgollámo-lo logo, e somente um dos litros de F.Q.F. offerecidos pelo sr. Frederico Millen, digno agente da Sul América nesta cidade, teve o poder de enganar a sêde que tanto nos maltratou.

Ás 12 horas e dez minutos do dia 6 chegávamos á barra do Piracicaba com o Tietê, e só nesse momento é que vimos a diferença do estado das águas de ambos os rios: as do primeiro, vermelhas, sujas, como si sahissessem de um chiqueiro; as dos segundo, claras, limpas, ao ponto de poderem ser bebidas sem receio. Em um ponto, entretanto, é importantíssimo, cremos ser o Piracicaba superior ao Tietê, e este é da piscosidade. No nosso rio saltam a todo momento, peixes de todas as qualidades; é cheio de vida, e observa-se, sob suas águas, uma fauna abundante, apesar da grande persiguição que se lhe faz por pescadores profissionaes e amadores de todo feitio, enquanto no Tietê nem um ruído, nem um signal de peixe se observou numa enorme extensão! Somente de Porto Feliz para cima parece que o phenomeno desapareceu, porque nos baixios e corredeiras os habitantes da água doce fugiam á nossa approximação, fazendo ondular a superfície do líquido elemento com a agilidade que os caracteriza.

Descansámos na barra desde a nossa chegada até ás 15 horas, em que recommçámos o reide, agora subindo as velozes águas do Tietê, e attingindo Porto Martins quasi ás 6 horas da tarde, ou seja, ás

27

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

18 horas, depois de um esforço inaudito para vencermos a arremetida com que o rio se une ao Piracicaba. Nesta localidade temos a agradecer apenas ao chefe da estação, sr. César Marcucci, e ao pharmaceutico do vagão sanitário da Sorocabana os obséquios que nos dispensaram, porque o primeiro nos tornou mais confortável o pouso offerecendo-nos colchões e travesseiros e uma ampla sala em que nos acomodámos perfeitamente, o segundo minorou as dores pavorosas que sentíamos com as queimaduras do sol sobre as quaes passamos alvaiade, na falta de povillo ou bicarbonato de sódio. Fomos conciliar o sono só lá pela madrugada, depois que uma abençoada pomada fornecida pelo dito pharmaceutico extinguiu quasi por completo, o effeito das queimaduras que nos fizeram lembrar os terríveis autos de fé dos tempos que felizmente já lá se foram! Jantámos muito bem em uma pensão da gente de côr que existe na localidade, e no dia seguinte, filando o seu coador de café (porque o nosso se tinha perdido) prosseguimos viagem ás 7 horas e 20 minutos, depois de uma pequena faxina no barco.

#### Porto Martins a Anhemby

Este trecho que calculamos em 50 ou 60 kilometros, não tem menos de 100 e se nos afigurou o mais violento de todas as etapas realizadas. Basta dizer que, sahindo de Porto Martins, ás 7 horas e vinte minutos do dia 7, remamos até 1 hora e vinte minutos do dia 8, sem esperança de attingir a encantada localidade que tanta curiosidade nos despertava. Apenas entre 13 e 15 horas fizemos um descanso para almoço e café, mas na realidade apenas eu e Braz descansámos, porque os rapazes (Osires, Sydney, Petta e Guido), não pararam um só momento, perseguindo tudo quanto viam com suas armas de fogo que mais espantaram do que mataram innocentes passarinhos que foram servir de alimento aos peixes por inaproveitáveis. De modo que, á 1 hora e 20 minutos do dia 8, depois de memorável arrancada em que delligenciamos de toda a forma para attingir Anhemby, paramos extenuados de fadiga ao pé de uma fazenda solitária e abandonada, sobre um barranco de mais de 20 metros de altura, felizmente contudo, por alguns trilhos de gado, quasi a prumo, mas que nos offereceram acesso para o pouso.

O Tietê tem, também, esta particularidade: não tem praias, e as que existem são feitas adrede para a travessia dos veículos em balsas, das quaes encontramos umas 60 em todo o trajecto, realizando a cada pouso uma escalada de barranco também, e o enxidão entrava em scena para a construção de escadas improvisadas no solo íngreme.

A dois terços, pois, do trecho entre Porto Martins e Anhemby nos encontrávamos mais mortos do que vivos, e eu digo com franqueza que jamais aproveitei de tal forma minha força physica e resistênciã na ânsia de alcançar o velho districto de paz em que fomos tão bem recebidos!

Assegura-se-me que o trecho mais difficil de nossa ligação fluvial com a capital foi este, não só pelo grande número de ilhas que possúe e que formavam verdadeiros labyrinthos dentro dos quaes a gente se perdia sem saber para qual dos braços do rio dirigir-se ou em qual delles

28

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

encontrar o melhor canal para a escalada, como pelas numerosas corredeiras cortando paredões a pique, de arenito vermelho, que ecoavam e nos retransmittiam intactos todos os ruídos que fazíamos na embarcação, enquanto o sabiá, lá do alto modulava um trecho de canto, doce encanto de sua alma amargurada!

Gostando do phenomenal éco, que se realiza na distância mínima de 17 metros, os rapazes se pozeram numa gruta infernal, para ouvirem suas vozes reproduzidas pela rocha inacessível imitando perfeitamente o célebre Tarzan das selvas, ainda mais que seus trajes eram perfeitamente idênticos!

Nosso terceiro pouso, pois, do dia 7 para o dia 8, foi feito em indescritível condição de cansaço. Soprando, nesse momento, um fresco vento sul que em parte constituiu motivo de regozijo para quem fazia um exercício daquela espécie, atirei-me sobre meu vasto cobertor dobrado sobre a relva fresca, e adormeci quasi instantaneamente; os outros ainda foram armar barracas, fazer café, preparar uma "bóia", etc., depois do que me acordaram para a merenda. Mas, qual merenda qual nada! Aceitei, apenas, meu logarzinho reservado na barraca, e daí a momentos a turma toda se entregava aos braços de Morpheu, servindo-se daquelle mesmo "berço" do primeiro pouso.

Nesse mesmo dia (8) levantámo-nos de madrugada, como só ia acontecer, e depois do repasto, porque não sabíamos quanto íamos parar nossos remos, transportamos o material todo (na linguagem vulgar "tralha") para o barco, e, sempre dispostos, recomeçámos a faina, curados do "prego" da véspera, e com uma só vontade: vencer.

Às 10 horas e meia deste dia atingimos, finalmente, Anhemby, com mais 5 horas de remo, além da puxada do dia 7, o que me levou a crer que a etapa não tem menos de 100 kilometros! Também, pelo caminho foi-nos impossível obter qualquer informação sobre ella, porque nas ribanceiras não encontramos uma pessoa sequer que nos offerecesse qualquer esclarecimento, o que seria inútil, porque os que conseguimos, rio acima foram tão absurdos e contraditórios que o melhor que tivemos a fazer era confiar numa verdade: o caminho era um só; não havia o que errar; portanto sempre para a frente, sem nos preocuparmos com a distância a percorrer.

Só então é que se podia avaliar a resistência daquelles rapazes que retomavam a faina logo de madrugada bem humorados e dispostos como si nada de anormal lhes tivesse ocorrido. O Sigorelli estava, agora, cada vez melhor, pois que logo na partida, no dia 5, sentiu se indisposto por qualquer coisa que comeu antes de iniciar a viagem. Demos-lhe um bom drástico, e assim o desarranjo do aparelho digestivo desapareceu para tornar mais efficiente sua acção ao nosso lado, ainda mais que, com o Sydney, em pequenas rugas provocadas por intriguinhas que fazíamos, travava verdadeiros duelos de espírito e de doetos de toda espécie que nos faziam rir durante a viagem toda. São dois rapazes inteligentes e muito espirituosos, que não podem se separar porque muito se estimam, mas que também não se encontram sem as rixas e as questiúnculas recomecem, felizmente sem pereres conseqüências.

29

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

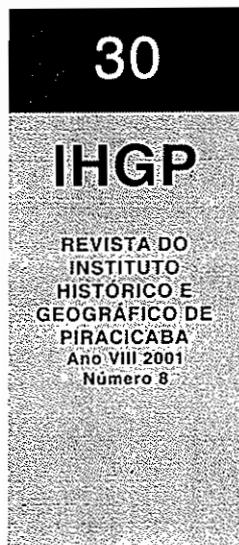
Finalmente, às 10 horas e 30 minutos do dia 8 nos achávamos bem próximos da grande ponte de cimento armado que liga ambas as margens do Tietê em Anhemby. Nesta localidade procuramos uma pensão, a do sr. Valentim Amaral, que nos preparou um verdadeiro banquete a 4\$000 por cabeça, recebendo, além de tudo, as gentilezas do sr. Amaldo Mesquita pharmaceutico do lugar, e Olnisio Gonçalves Rosa, que acompanharam com entusiasmo nossa arrancada esportiva. Achava-se na localidade, pescando, o dr. Aristides Lara Campos que comnosco manteve animada palestra e filmou a nossa movimentada e concorrida partida daquela localidade, que daqui deve distar num mínimo de 60 kilometros pela estrada de rodagem, e 300 por via fluvial.

#### Trecho Anhemby - Laras

Às 14 horas e meia, debaixo de uma canícula senegalesca prosseguimos viagem, animados, agora, pela recepção que tivemos e pelo concorrido bota fóra que não foi uma despedida, mas uma verdadeira ovação á nossa arrojada empresa. Remámos relativamente pouco esse dia, não sei si porque não havia luar ou porque o banquete de Anhemby nos sobrecarregasse o estômago. O caso é que armámos nossas tendas ás 18 horas e meia e adormecemos depois de saboroso lanche preparado pelo Franquista (batatinhas e ovos fritos na manteiga) e café.

As margens do Tietê, durante quasi todo o percurso, não tem mattas sinão em estreita faixa como que protegendo o rio; o resto é constituído por invernadas de primeira ordem que se estendem por léguas. Só encontrámos grandes capões de floresta massiça entre Laras e Tietê e Porto Feliz e Salto, os segundos pertencentes, na maioria, ao Engenho Central de Porto Feliz, cujas terras e propriedades parecem unir ambas as cidades ribeirinhas.

As sedes das referidas invernadas ficavam longe do barranco, geralmente a mais de um kilometro, para a natural protecção contra os mosquitos transmissores da malária, e para avistar-se uma dellas tornava-se difficil, sinão impossivel, devido á ribanceira que occultava, além de que são muito raras pelas grandes distâncias que as separam. São verdadeiros latifundios quasi incultos, cobertos apenas pelo capim natural ou catingueiro, no meio dos quaes se movem as manadas que constituem a principal fonte de riqueza da região. Mas não há sítio ou trecho que não possuía seu encanto, e a madrugada de 9 foi uma apothose da natureza á nossa vista deslumbrada e ao nosso amor á terra brasileira. Depois dos necessários preparativos, dos quaes fez parte um succulento café, prosseguimos viagem, refeitos do exercício da véspera e bem humorados, porque a fadiga, ás últimas horas de remo predispunha-mos á neurasthenia, e eis nos a alterar a voz e a deblatear e blasphemar sob o mais fúteis motivos que nos apresentassem. De manhã, porém, todos se riam satisfeitos, numa alegria sã que bem se casava com aquella alvorada cheia dos rumores do grande rio e da orchestra dos passarinhos; e cada um porfiava em tomar o remo pela primeira vez.



Nossa arrancada de Anhemby a Laras, pequena povoação á margem direita do rio e numa ribanceira de mais de 50 metros, não foi menos dura. Remamos, no dia 9, das 6 e meia ás 20 e meia quasi sem interrupção por uma lamentável imprudência. De tudo quanto levamos restávam-nos apenas leite condensado, marmelada, bolachas, goiabada, queijo e café, que poderiam, quanto muito, servir de palliativo ao estômago. Entretanto, dos males, o menor; havia um esplendido e abençoado fogareiro "Primus" (dos legítimos), e, em dois minutos, também um café de primeira ordem, preparado com pó gentilmente fornecido pela Leiteria Brasileira e pelo Café Brasil, e acompanhado, certamente, pela mistura mais á mão para que não houvesse perda de tempo. Esta etapa em tudo se assemelhou á precedente: a mesma distância, a mesma violência das águas. Apenas num ponto houve diferença: é que viajamos até as 20 horas e meia com o "estômago grudado ás costas" sem que disso nos apercebêssemos ou houvesse uma queixa, um "prego", uma blasphemia.

Nas immediações de Laras já se encontram habitantes e uma ou outra fazenda á margem do rio, de modo que as informações (nas quaes pouco acreditávamos) se tornavam mais fáceis. Mas os caboclos fugiam á nossa aproximação, deixando-nos perplexos e revoltados deante de tamanha ignorância! Não sei o que pensavam de nós aquelles tontos, que, quando não tinham tempo de fugir, occultavam se por detraz das moitas cerradas e dalli nos espionavam. Certamente nos tomavam por fiscaes de caça e pesca, e, como não tivessem pago a respectiva licença, o mais natural e práctico que tinham a fazer era sumir-se, por se acharem geralmente pescando. O Franquista, de uma feita, e só por curiosidade, perseguiu de perto dois destes medrosos, e o resultado foi que ambos se encafuaram em um rancho e não pozeram o nariz para fóra apesar dos gritos de Stentor com que os chamavam bugres ou negros zulús talvez não tivessem tal procedimento sem um motivo justificável! Entretanto, uma ou outra excepção se verificava de vez em quando, e nós deparamos uma residência bem próxima á barranca, onde um caboclo bem apessoado e sympatico, depois de nos fornecer água potável, deu-nos as indicações de que precisávamos: em primeiro logar, que nos achávamos já próximos de Laras (isso lá para elle, porque a realidade era bem outra!); em segundo, que na localidade havia o sr. Abrahão Abud, cidadão afável e bastante estimado na localidade que mais tarde verificamos ser preciosa pela verdade que encerrava.

Mas somente ás 20 horas e meia, com um pronunciado início de cansaço encontrámos uma balsa, á meia luz da lua, e, depois de um reconhecimento feito pelo Franquista, que parecia ter subido ás regiões sideraes, tal a altura em que se encarapitou, tivemos a grata notícia de que Laras se achava mesmo lá em cima, a meio caminho do céu, e que nella residia de facto, um anjo - sr. Abud, do qual recebemos muitas gentilezas, apesar dos três hospedes que em sua casa encontrámos. O sr. Abrahão Abud é um verdadeiro typo de nacional e cavalheiro, tendo vindo para nossa terra muito creança;

31

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

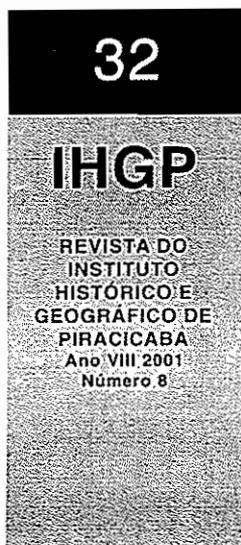
merece nossa gratidão eterna porque tudo nos proporcionou com espontaneidade e graciosamente. Valeu-lhe, entretanto, nossa visita, uma baciada de lambarys que lhe serviram de isca no dia seguinte para uma pescaria e lhe deu um bello dourado, que remetteu para Conchas, séde do município, para seus parentes. Os trêfegos peixinhos, ao ruído dos nossos remos, á noite, saltavam para dentro do barco, offerecendo-nos ao menos uma oportunidade de retribuir as gentilezas de tão sympatico amphitrião.

A noite foi fresca e esplendida, principalmente porque nos sentimos protegidos e tratados por gente amiga e hospitaleira, e no dia seguinte, só depois de uma boa faxina no barco, dirigida pelo solerte Franquesta, que é pau para toda obra, tomamos todas as providências para a partida, que se effectuou ás 10 horas e meia, depois de uma pesada carga dagua que nos prenunciou um péssimo dia de viagem.

#### Etapa Laras - Tietê

E o dia 11 foi, de facto, o peor dos dias que tivemos. Nem a soalheira que requeimava a pelle, nem a sêde que nos maltratou no Piracicaba foram comparáveis ao que soffremos nessa tarde e noite memoráveis em nossa arrancada para a capital, porque depois de transposto o decantado rápido das Palmeiras, os vãos da nova ponte em construção na estrada para Laranjal e a embocadura do rio Sorocaba, neste ponto quasi das proporções do Tietê, desabou pesado temporal que se demorou pela tarde e noite a dentro, obrigando-nos a procurar melhor refúgio do que nas nossas barracas e um miserável rancho de sapé de um arrozal das immediações. E esse refúgio, que foi a fazenda de um tal de Zambianco, á direita do rio, infelizmente não nos proporcionou as mesmas commodidades da véspera, além de se achar a 3 kilometros da barranca, porque, ao que nos pareceu, seu proprietário não era da mesma opinião do sr. Abud, de Laras: "Poderia, quando muito, agasalhar dois de nós em toda casa", disse-me elle, quanto aos outros, que ficassem numa tutha distante, na colônia, em hora que nos era impossível tomar qualquer deliberação, por três motivos: noite escura e fria, devido a chuva e ao vento sul que reinava ; trecho de difficilimo acesso entre a casa da fazenda e a dita tulha; cansaço. Ponderando ao sr. Zambianco que todos deveriam pernoitar juntos, resolveu-se a sua senhora a tomar a iniciativa de mandar chamar os restantes companheiros que haviam ficado na colônia; mas o rapazito que levou o recado fez tal embrulhada, que emquanto eu me refestelava numa confortável cama, a rapaziada se aninhava sobre montes de feijão recém-colhido, na tulha, onde passaram o restante da noite dantesca e tenebrosa como não tivemos equal, depois de uma boa polenta offerecida pelos colonos, e café que elles próprios fizeram.

Minha preocupação principal, entretanto, era a embarcação, porque a chuva torrencial que cahiu durante a noite era de fazer-a sossobrar com muito material que nella deixamos. Os mesmos temores



tiveram Osiris e o Franquista, que deixando a tulha, enveredaram pelos escorregadios trilhos de gado que conduziã a beira do rio, mas perderam-se na invernada durante duas horas, sem outro resultado que não fosse o de agüentar o cansaço em que se achavam e o frio que os estanguia, e isso às 21 horas de uma noite escura como breu! Enfim, poderia ter sido melhor, dados os recursos do fazendeiro, que deveria considerar a situação excepcional em que nos achávamos, ocasionada pela interpérie. Em nosso caso não havia evasiva para o sr. Zambianco, que poderia ser remunerado, se fosse mais positivo, dos prejuízos materiais que lhes causamos. Enfim, o homem estava na sua casa e no direito de agir a sua moda; cada um dá o que tem, e no dia seguinte de madrugada, apenas aceitando um ligeiro café e agradecida a hospitalidade proporcionada apenas à sua esposa, parti ao encontro dos companheiros, fazendo verdadeiros actos de malabarismo e equilibrio, mesmo em pleno dia, numa barroca que se precisa transpor para ir ter à colônia. Felizmente encontrei o pessoal bem disposto e refeito da maçada da véspera. Minha pressa de ver a embarcação, entretanto, era grande, e pondo-me à frente com o Franquista e carregando tudo quanto nos foi possível, em meia hora de marcha, por um terreno encharcado e liso, verificámos que nada havia acontecido à yole a não ser que se assemelhava a um grande banheiro, promptinho para um banho de imersão. Retirada a água e feita rápida faxina, daí a pouco chegava o resto do pessoal, e então nos pozemos novamente aos remos.

Dentro de 40 minutos, si tanto, de viagem, transpúnhamos a foz do Capivary que tantas e tão agradáveis recordações me despertava na sua passagem na velha cidade do mesmo nome, tão cheia de tradições e berço de antigas e ilustres famílias paulistas. Eram, então, mais ou menos 9 horas do dia 11. Pensávamos alcançar em muito breve a cidade de Tietê, porém mal sabíamos que muitas léguas ainda nos separavam da sympatica localidade, terra de muitos amigos que são hoje figuras de destaque na sociedade piracicabana.

O dia 11 foi, pois, duríssimo para nós; a etapa era para desanimar, bastando, para corroborar o que afirmo, dizer que, de esforços inauditos, somente às 22 horas atingimos a bella ponte que liga ambas as margens do rio, mas depois de um esforço másculo para que tivéssemos uma compensação depois da massada da véspera. Lá pelas 19 horas alguns companheiros, já extenuados, optavam pelo bivaque; mas ponderei-lhes que, com mais uma arrancada de duas ou três horas teríamos os confortos de uma boa cidade, bem preferíveis a um "berço" duro em noite escura. Pondo a questão a votos, como sempre fazíamos, a maioria optou pelo meu alvitre; tomei pois, a posição do que se achava mais cansado, e animando a turma numa arrancada semelhante à do dia 7, dentro de duas horas avistámos as luzes de Tietê, cuja população se achava occupada com a tradicional festa do Divino. Eram bailes e bandos alegres pelas ruas, mas duas coisas apenas nos interessavam no momento: comer e descansar.

Felizmente ainda encontrámos um hotel aberto, o São João, onde nos refizemos do esforço em tão boa hora realizado. Só então pudemos telephonar às nossas famílias, já ansias por falta de notícias, e às

33

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

redacções dos jornaes, nossos porta vozes junto a todos aquelles que se interessavam por nosso feito esportivo.

O dia 12 passámos todo em Tietê, não só para um necessário repouso e reparos no barco, como para aguardar a visita de uma turma de piracicabanos que, conforme telephonema que recebemos, ia levar-nos o seu fraternal abraço. Á hora aprazada, pois, o caminhão que fez o seu transporte mettia-se pela ponte a dentro sob vivas entusiasticos dos nossos conterrâneos e amigos que agitavam, lá do alto, seus chapéos, e assim demonstravam, seu regozijo por ver-nos.

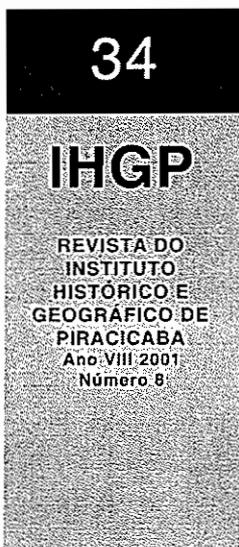
Estávamos, então, á margem do grande rio, tomando providências indispensáveis ao reinicio da viagem. E de tudo quanto recebemos da população de Tietê, só podemos registrar neste diário três coisas que nos foram gratas: primeira, a gentileza do prefeito, sr. Caio Graccho de Souza Campos, que pagou nossas despesas no hotel São João, que apesar de modesto, não deixou de exorbitar na conta apresentada; segunda, o entusiasmo e a boa companhia do gerente da usina de pasteurização de leite naquella localidade; terceira, a visita dos nossos conterrâneos. Fôra disso, apenas uma multidão anonyma e curiosa se apinhou sobre a linda ponte de cimento armado que é também, um ornamento da cidade, para assistir ao nosso bóta-fôra. Porém, como o povo se achava em festa, com bailes, corridas de cavallos, etc., talvez que o seu desinteresse fosse desculpável...

A cidade de Tietê tudo possui para a fundação de um clube de regatas, e é de estranhar que essa iniciativa não tenha, ainda, sido tomada, não só pelo elemento particular como especialmente pelo official.

### Etapa Tietê - Porto Feliz

Afinal, depois de um dia todo de descanso abraçámos os rapazes que constituíam a caravana de nossa já saudosa terra, e, singramos as águas do majestoso rio que naquelle ponto fórma uma grande recta de uns 3 kilometros, deixamos para traz a bella ponte de cuja guarda lenços e chapéos se agitavam com a dizer-nos: "Feliz Viagem!

Dentro de 3 horas, porém, ou o tempo necessário para nos surprehender o crepúsculo, topamos com o primeiro empecilho sério dessa etapa, uma rumorosa cachoeira com cujo canal não podíamos atinar devido á quasi completa ausência de luz. O dia cahira rápido, o crepúsculo se adensou precipite devido á ameaça de chuva, e em vão procurávamos um expediente para galgar o obstáculo e remar noite a dentro mais algumas horas, como era nosso costume. Até então, luctámos apenas contra a impetuosidade das corredeiras, mas dahi por deante eram cachoeiras que ameaçavam espatifar nosso barco de encontro às mil ilhotas rochosas que alloravam nagua. Si se escapava de uma havia outra quasi sem solução de continuidade, sendo necessárias prudência e habilidade no leme para que um accidente não viesse esboroar nossos planos. As águas, nestes pontos vertiginosos do rio, correm em todas as direcções como as rajadas de vento, os furacões e os tornados que em segundos precipitam ao sólo as



possantes aeronaves modernas; de modo que manter o equilíbrio e a direcção do barco era o trabalho de maior responsabilidade da empresa que nos propuzemos! Um descuido, um cochilo que fosse atiraria o barco de encontro á rocha, e... adeus reide!

Mas si a habilidade do timoneiro era grande, Deus era "mais maior" no dizer do Macambira, e certamente mais por esse grande e eloqüente motivo completámos a difficil etapa com uma felicidade de pasmar, porque outras cachoeiras e corredeiras não nos faltaram até Porto Feliz nas mesmas condições da que acabamos de transpor, num total de 15.

Todos esses resallos do Tietê foram vencidos a remo, excepção feita de 4 que, ou não possuíam canal, ou este não tinha a largura necessária á passagem do barco, cujos remos, collocados nas forquetas e de um e outro lado, completam a envergadura de 4 metros, no mínimo. Mas nada nos desanimava, evidenciando-se, nestas occasiões, a coragem de Guido, Osiris e Sydney que se atiravam a torrente, e impellindo o barco a mão, iam pouco e pouco safando-o com cuidado e habilidade até encontrarem logar apropriado ao manejo dos remos. Este serviço exigiu, como é fácil de calcular, longo tempo e nos causou um longo atrazo pelo caminho; era uma solução de continuidade inevitável e irremovível, sem outro recurso que não fosse o expediente dos valentes rapazes, porque o transporte do barco pelo barranco daria um trabalho muito maior devido á completa ausência de trilhos ou caminhos que fizessem a communicacão entre a parte baixa e a alta da corrente.

Quando havia canaes largos e profundos, qualquer que fosse a sua impetuosidade, a força de nossos remos foi sempre sufficiente para vencer-os, ainda mais, com o auxilio do remo caipira; mas por vezes os remos pegavam de raspão nas pedras lateraes e corriam o risco de partir-se, o que aconteceu no primeiro dia de viagem, ao approximarmos a yole de um barranco muito alto e sobre a corredeira vertiginosa do paredão do Rosário; o Franquista (Guido) não teve tempo de retirar o remo da forquilha, as águas precipitaram o barco contra a parede de arenito, e... lá se foi nosso precioso remo! Este facio nos obrigou a retirar do seu canto o que levávamos de sobresselente e a solicitar ao Tuffy, por carta remetida de Anhemby, mais um, mesmo porque o que soffreu o choque ainda se achava em condições de ser reparado. Em Tietê recebemos o que pedimos e eu desejo abrir aqui, um parenthesis, para tratar da parte financeira do reide de que tantos temores que transmiti aos meus conterrâneos em sua visita, em Tietê.

Tendo chegado a esta localidade com pouco dinheiro já, e prevendo grandes despesas em Porto Feliz, Salto, Paranahyba, São Paulo, etc., além do imperioso transporte da embarcação por terra em Salto, não contava com as gentilezas que recebemos dahi por deante das preleituras e de amigos que encontrámos naquellas cidades; quando se viaja, especialmente em um reide de semelhantes proporções, o optimismo não é a medida aconselhável, e havia ainda, muito panno para manga até chegarmos á capital! Foi por este motivo que, ao invés de solicitar os bons auspícios do sr. Luiz Dias Gonzaga, a quem

35

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABÁ  
Ano VIII 2001  
Número 8

não queríamos causar maiores maçadas, aconselhei o Tuffi a dirigir-se a amigos para angariar o auxílio que nos faltava, para nossa própria tranquilidade. O appello não surtiu efeito desejado, mas o pessimismo reinou, e boatos de toda espécie circularam a respeito de nosso empreendimento fluvial. Infelizmente os que se furtaram a auxiliar muitas vezes falam, criticam e fazem um completo trabalho de derrotismo. Foi o que se deu nessa ocasião, lamentavelmente, enquanto nós vencíamos as últimas etapas contando agora com as mercês de estranhos.

Meus receios eram tão fundados, que só o transporte do barco, no trecho impraticável de Salto a Parnahyba, custou ao incipiente Clube de Regatas Saltense a bagatella de 180\$000! Acrescentemos a esta despesa outras tantas num longo trecho que nos faltava a effectuar, e por ellas avalie quem quizer o que poderia eu fazer com uma quantia ridícula que me sobrava!...

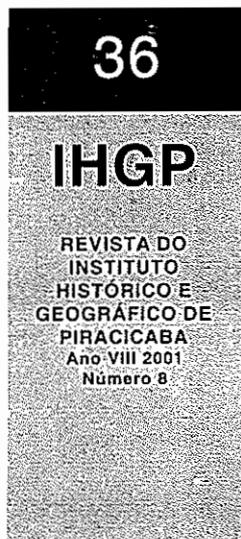
Mas o cavalherismo, por si só, recomenda um homem; é uma qualidade admirável de superioridade morat; é a attitudo que nas menores coisas define o caráter do indivíduo. E foi elle que dirimiu nossas difficuldades nas pessoas de Abrahão Abud, de dr. Luiz Clement, dos directores do Clube de Regatas Saltense, dos dignos prefeitos de Tietê, Porto Feliz e Satto, de Mister Borvles, Américo Parini e Crispim Freire, de Parahyba, e de tantos outros que, agindo por mero dever de hospitalidade salvaram a nossa situação, fazendo que nosso dinheiro realizasse o prodígio, o malabarismo, de um reide desta envergadura, com 1:000\$000.

Mais uma vez podemos portanto, dizer: o dinheiro foi pequeno, mas Deus muitissimo grande! Em São Paulo a recepção do Clube de Regatas Tietê foi magnifica, encerrando de fórma digna, elegante, esta série de atenções e dedicação ao esporte que encontramos por toda a parte.

Voltamos, pois, ao ponto em que nos achávamos, e deixando de parte a questão financeira tão felizmente resolvida, porque em São Paulo paguei as despesas de um dia de hotel (Hotel Piracicabano) e salvei o estrictamente necessário á nossa viagem de retorno aos nossos penátes, prossigo nesta narração dizendo que no dia seguinte a cachoeira deante da quat havíamos feito pouso foi facilmente transposta a remo, desde que alinamos com o canal que, apesar de ser violenta, nos offereceu acesso e calado para a embarcação. Mais uma vez vencemos o rio, mas mal sabíamos que lá adeante peores trechos e mais longos iam offerecer-nos sérias difficuldades e sobresaltos...

E assim aconteceu. Remámos o dia todo, até ás 17 horas, em que deparámos o sitio de um caboclo, sr. Miguel Fernandes que nos offereceu um rancho para pouso e nos vendeu uma galinha, arroz, cebolas, etc., por 8\$000. O Guido, pau para toda obra, poz-se togo em acção e dahi a duas horas o pessoal todo, menos eu, avançava no precioso "galináceo", refazendo-se completamente do cansaço e do grande appetite que trazia.

A noite passada nesse sitio foi agradável, e, si não me atimenteii em companhia dos rapazes devido a ligeira indisposição que trazia, fil-



*o no dia seguinte de madrugada, com uns pedaços que sobraram da dita gallinha, pão, café, etc. Nunca almocei a essa hora, mas sou franco em dizer que poucas vezes quebrei o jejum com maior satisfação!*

*Dahi a pouco empunhamos nossos remos, porem animados, ainda mais que o Sr. Miguel nos disséra (lá do modo de pensar delle e de todos caboclos...) que Porto Feliz "ficava pertinho". A verdade é que somente ás 14 horas e vinte minutos desse dia (14), com terrível vento sul contrário que muitas vezes nos difficultou sobremaneira a escalada, e com mais cachoeiras a transpor, locamosas ribanceiras de Porto Feliz com seu paredão de arenito branco e suas escadarias que se assemelham ás de Jacob no seu expressivo sonho. Porto Feliz foi de facto, para nós, bastante feliz, porque tivemos foi de satisfazer ao mais exigente hóspede.*

*Lá encontramos, de outra forma, muitos piracicabanos que na velha e lendária cidade exercem diversos mistéres, de maneira que cahiamos num seio de Abrahão que nos fez recordar Laras com seu "anjo" - Sr. Abrahão Abud.*

*O sr. prefeito de Porto Feliz, Cel. Eugênio Euclides Pereira da Motta, de tradicional família portofelicense e seu digno secretário sr. Walter Vicente de Abreu Krücken foram pródigos em atenções para com a turma toda. Jantámos em um optimo bar da localidade e pemoitamos no Hotel Central, de propriedade de um piracicabano, sr. Coli.*

*Minha curiosidade de conhecer Porto Feliz foi sempre muito grande, mas jamais supuz que o acaso me offerecesse a oportunidade de visitá-la nas condições em que o fazia, isto é, por via fluvial. A cidade, apesar de velha, tem vida própria de tornar-se sympathica pelo elemento social que possui. Um lugar não vale mais pela sua situação geographica ou pelos recursos de que dispõe, do que pelo valor moral e sentimento de hospitalidade de seus habitantes. A cultura, as qualidades tradicionaes de coração e intelligencia resumem tudo quando se possa sentir ou dizer de um povo, e neste caso se acha a antiga cidade que foi testemunha eloqüente da epopéia bandeirante. Lá se acha, ainda, para tocar nosso coração de paulista, um dos enormes e toscos batelões com que os titans de outrora rumavam para o sertão inóspito, emquanto no coração daquela gente boa que ora a habita parecem ecoar os anseios, as esperanças, as glórias e as luctas dos nossos antepassados.*

*Remando rio acima, chegamos pois, ao lugar de onde partiam as monções rio abaixo. Nenhuma idéia nos foi mais grata que esta, enquanto a hospitalidade recebida esteve na altura desse sentimento de patriotismo puramente paulista que tanto nos tocou o coração. Recebemos, no hotel, a visita do sr. prefeito, com o qual não tive o ensejo de palestrar, porque, trazendo minhas pernas inchadas pelas contínuas queimaduras de uma canícula terrível, era accomettido todas as tardes, de um pouco de febre que não deixava de me occasionar ligeira indisposição e de me obrigar, assim que o pudesse, a procurar o necessário repouso diurno.*

*Procurámos evitar a acção do sol passando a obre a pelle tsnada azeite de algodão, mas de resultados quasi nullos, porque não havia o*

37

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

que neutralizasse o efeito do mormaço que nos castigava impiedosamente. De outra forma, nossos preciosos "assentos" se achavam em condições bastantes precárias pelas esfoladuras que lhes causavam os banquinhos móveis da yole, enquanto os rins sofriam as conseqüências de uma posição forçada durante 10 dias seguidos. Neste ponto apenas eu me sentia completamente bem devido á optima almofada que levei e que me resguardou perfeitamente de mais um mal que acometeu com especialidade o Franquista. Cedi-lhe, pois minha almofada, para que o rapaz pudesse persistir, com galhardia que o caracterizou, no seu desejo de não abandonar o remo até a capital.

No dia 15, ás 8 horas, tudo se aprestou para a partida, acompanhado-nos ao porto o sr. Walter de Abreu que nos proporcionou as últimas delicadezas no nosso bóta-fora.

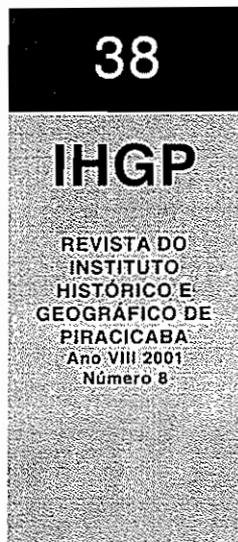
### Etapa Porto Feliz - Salto

Deixando á direita o Engenho Central, rumámos rio acima, mas, em meia hora de viagem, si tanto, esbarramos com um accidente de sérias proporções: uma longa e difficil cachoeira, logo abaixo da estrada de rodagem para Tieté. Não havia recursos para a transpormos á força de remos, por falta de canal apropriado, de modo que numa extensão de uns 100 metros o barco foi puxado a mão, depois do que continuámos normalmente a nossa escalada.

Mais 39 obstáculos de proporções variáveis encontrámos nesta etapa, mas felizmente os mais sérios foram nella vencidos, porque de Salto a Parnahiaba, tornando-se impraticável o rio, o único recurso era a estrada de rodagem e conseqüente transporte do barco em caminhão. Deixo, entretanto, para depois, a defesa de meu ponto de vista com referênciã ao caso, para completar a exposição acima iniciada, porque muita gente procurou deslustrar o nosso feito esportivo por havermos desviado, neste ponto, do curso do rio. Toma-se necessária pois, uma explicação aos que não conhecem o alludido trecho, á qual não me furtarei.

O dia 15 correu nas mesmas condições da etapa precedente. Viajámos quasi o dia todo em terras do Engenho Central de Porto Feliz, divisando cannaviaes sem fim, grandes extensões de terra arada vermelha e fresca, e mattas que nos fartavam a vista até as proximidades de Salto. Residi nesta última cidade durante quasi 3 anos, e nunca pude imaginar que o município guardasse tamanha reliquia florestal. Doeume a minha ignorância de outrora, mas ategrou-me de outra forma, o facto de entrar em contacto com tantas maravilhas embora quasi 12 annos mais tarde!

As 14 horas fizemos uma parada para lanche deante do grande capoeirão que se extendia na ribanceira apposta; tiramos nesse momento photographias, e prosseguimos viagem. Consultando o primeiro caboclo que se nos deparou sobre a distância que nos separava de Porto Feliz, tivemos uma informação em extremo optimista; se forçássemos um pouco os remos dentro de uma hora alcançaríamos aquella



cidade." (Nota Nossa: Na realidade a pergunta feita ao caboclo foi a que distância estavam de Salto e não de Porto Feliz, pois esta última cidade já haviam deixado para trás).

*Estimulados por ella (mas sempre desconfiando) fizemos uma puxada em regra, mas a noite nos surpreendeu e nada, nem signaes de aproximação da cidade. Foi quando nós resolvemos no bivaque, o que fizemos num arrozal, depois de escalado o barranco com estreita faixa de matta. O Sydney preparou a escadaria a enxadão, eu tratei logo de armar as barracas, Orestes transportava água e Guido nossas "moambas" que cada um desempenhava uma funcção indispensável a própria comodidade.*

*Para estas viagens, não é bastante escolher gente forte e sadia, mas prudente e de gênio moderado. Indivíduos indisciplinados, commodistas ou rancorosos não devem acompanhar taes excursões, porque sob qualquer pretexto zangam-se e brigam, quebrando a harmonia que deve reinar do princípio ao fim. As notícias de crimes em caçadas são muito freqüentes, assim como a scisão de caravanas que descem os rios para caçar ou pescar por desintelligencias surgidas entre os elementos que as compõem.*

*Em nosso caso, felizmente, nada houve que causasse aborrecimentos. Cada um conhecia a sua responsabilidade para o completo êxito do reide, e os momentos de neurastenia, na hora do "prégo" eram logo esquecidos. Não houve ressentimentos mútuos que não eram esquecidos assim que o sonno da noite retemperasse o organismo combalidos e os músculos cansados.*

*Preparadas as barracas, acceso o fogo o precioso fogareiro "Primus" (deveria ser primus inter pares!) e tomadas outras providências, o Fraqueta se lembrou de preparar um arroz doce, com leite condensado, e o fez mesmo, mas pichelado porque o calor do fogareiro foi excessivo. O caso é que na panella não havia nem signal do doce caipira que foi mesmo de lamber os beiços!*

*Aconchegados á terra fôfa do sítio, dormimos socegradamente até ás 3 horas da madrugada, em que ouvi a voz de um homem que, perto das barracas nos interrogava em voz alta: Quem está ahí? Quem está ahí?*

*Fosse que fosse, amigo ou inimigo, não lhe respondemos de prompto; mas, para não ser mais importunado, assumi a offensiva, e também retruquei no mesmo diapasão: E ahí, que, é que está? Aqui é o Eusébio, repetiu elle mansamente.*

*Eusébio, Jacyntho ou Polycarpo, o caso é que ficámos na mesma. Mas em vista da resposta em tom moderado, delicado mesmo, expliquei ao visitante quem éramos e a que vínhamos, sem sahir de dentro da barraca. Satisfeito da sua curiosidade, despediu-se e retirou-se, voltando de manhã em companhia do filho Carlos. Foi, então, identificado: tratava-se do proprietário daquellas terras, chamava-se Eusébio Gritti, e tinha mais um filho, diplomado pela Escola Agrícola. Lamentou sériamente que não procurássemos sua residência, dalli próxima uns 300 metros (que diferença do sr. Zambianco!); mas uma restinga de malto occultava-a, de modo que nos julgávamos bem distantes de qualquer habitação, o que foi bem lamentável.*

39

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

O caso é que o pobre Eusébio, tendo-se dado a delicadeza de cobrir o rosto do Franquista durante a noite, foi tomado por este por um negro qualquer, e, daquellas horas, não fazia mais que fiscalizar sua roça contra os assaltos das capivaras que são abundantes ás margens do Tietê até as proximidades da capital.

O sr. Gritti e seu filho depois de algumas chapas que batemos, auxiliaram-nos bastante nos aprestos da partida e nos deixaram uma agradável impressão.

#### Etapa Salto - Parnahyba

Em Salto recebemos as gentilezas do dr. Luiz Clemant, do sr. prefeito municipal Francisco Teixeira, e a do pessoal do incipiente Clube de Regatas, que foi pródigo em atenções para conosco. Almoçámos no Hotel Saturno, a convite do sr. prefeito, e só depois de feita uma limpeza completa no barco é que o installámos sobre um caminhão para, desta fórma, desviarmos nos de um trecho de rio completamente impraticável, numa distância de 60 ou 70 kilometros, até Parnahyba. Já disse atraz que alguém procura deslustrar nosso reide baseando-se na fórma como fizemos a etapa Salto-Parnahyba. Essa argumentação, sobre ser aleivosa, é ainda infundada pelos seguintes motivos: a) o rio oferece obstáculos sérios de 200 em 200 metros ou de 300 em 300 metros, passando, em certos pontos quasi todo, por baixo de pedras; b) o barranco não oferece acesso ao rio na maior parte do trajecto; são paredões a prumo, cobertos de mattas, dos dois lados, ás vezes de mais de 50 metros de altura, e que difficultam completamente qualquer contacto com a estrada de rodagem que lhes segue parallela; c) nossa embarcação precisava ter o casco revestido de aço ou de metal qualquer da mesma consistência para fazermos, de accordo com as circunstâncias, a escalada do rio neste ponto, sem o risco certo de quebrar-se; d) o pessoal do Clube de Regatas de Salto estava tão certo da necessidade do transporte do barco nas condições expostas, que já tinha tomado as providências nesse sentido, e excusado seria insistir contra uma medida que se reputava inevitável por quem, mais do que nós, conhecia o Tietê salto acima; e) a etapa Salto-Parnahyba por si só representa um reide para quem o quizer tentar; ninguém, que nos conste, dos reidmem que passaram obrigatoriamente por ambas as cidades, se aventurou a subir ou descer o rio no alludido trecho! Em palestra com elementos da direcloria do Clube de Regatas de Saltense e outras pessoas da localidade, tivemos notícia de excursionistas que por lá passaram, mas... com o barco a motor ou a remo encarapitado sobre um caminhão; f) prosseguido que fosse o nosso reide por água teríamos, a partir de Salto, a usina Paula Leite que nos forçaria a outra escalada pelo barranco, porque penso que seria mais um cúmulo exigir-se que galgássemos a represa á força de remos também; g) em uns 60 ou 70 kilometros de rio teríamos (como de facto existem) 200 ou 300 obstáculos, muitos dos quaes intransponíveis pelo leito do rio, e que nos obrigariam, fatalmente, a

40

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

lançar mão, a todo o momento, do único recurso, a estrada de rodagem, mas que se tornava um problema maior ainda na maior parte da referida etapa.

Assim, em vista das razões expostas, aceitámos sem discutir o alvitre do pessoal da directoria do Clube de Regatas Saltense e do próprio dr. Luiz Clemant, e ás 16 horas do dia 16, attingimos Parnahyba, onde, recebidos amavelmente pelo pessoal da Light and Power, Mister Bowles e srs. Américo Parini e Chrispim Freire, passámos uma noite agradável sob o ruído das poderosas turbinas que são outros tantos elementos para o fornecimento de energia electrica á capital.

Façamos uma pequena pausa neste ponto para falarmos um pouco da cidade de Salto com sua maravilha, a quéda dagua natural.

Residi naquella cidade de 1926 a 1928, como adjunto de grupo, que tinha, então, 20 classes, competentemente dirigidas pelo professor Cláudio Ribeiro da Silva, hoje inspector escolar.

Naquella época a cidade era um verdadeiro formigueiro humano devido á construção da barragem das águas, levada a effeito pela Brasital, importantíssimo estabelecimento fabril daquela localidade, de tecidos de algodão e de papel, sendo que o segundo é preparado com cellulose importada da Europa.

Mais de mil operários eram empregados somente no gigantesco trabalho da barragem, enquanto as fábricas se mantinham de fogos accesos com outros tantos braços. E era interessante observar aquelle formigar de homens que, na lucta titânica contra a natureza, empunhavam mil instrumentos diversos para rasgarem, quebrarem, despedaçarem, britarem a rocha virgem do leito do rio, do âmago da natureza! Picaretas, martellos de ar comprimido que atravessam o granito em minutos de trabalho, talhadeiras, guindastes, vagonetes, machinas para o preparo do concreto, etc. etc., eram manejados por homens de uma força e resistência sem igual e com uma disciplina admirável!

Á tarde dynamitava-se a rocha, o que era um espetáculo que attrahia muita gente ás redondezas da velha ponte que ainda lá está, e que offerecia sério perigo aos imprudentes.

Um accidente lamentável, occorrido naquele ponto, vem demonstrar como é forte o destino do homem, corroborando o velho rifão de que "ninguém morre na véspera"; um motorista, homem casado e de optimas qualidades e pae de duas creanças, aproximou-se da ponte no momento de se accenderem os estopins; acabava de chegar de uma viagem a Ytu, e, advertido pelo guarda da companhia de que não poderia permanecer naquelle logar sem risco de vida, deu marcha a ré e foi postar-se a uns 50 metros do primilivo ponto, onde um respeitável bloco de granito, furando a capota do auto, esmagou-lhe o craneo, matando-o instantaneamente.

Hoje a usina de Salto pertence a Ligth, que a adquiriu á Brasital, ficando esta com suas duas fábricas: de papel e de tecidos, das quaes é director tecnico o dr. Luiz Clemant.

Terminadas as obras de represamento das águas, para elevarem ainda mais o nível do salto, cessou o movimento da cidade, ainda mais que a Brasital começou a sentir os effeitos de uma crise que a obrigou

41

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

a dispensar a maior parte de seus operários. A vida da cidade cahiu muito, mas verifiquei, após 8 anos, que muito progresso ella realizou, apesar disso no que se refere a construções e tratamento de suas ruas e praças.

As usinas de Parnahyba, construídas há muito tempo já antiquadas, não oferecem as mesmas possibilidades das de Salto, motivo pelo qual é de programma da grande companhia canadense abandonal-as, paralyzal-as; é uma obra gigantesca que não oferece mais do que 10.000 kilowats, que, para a Light representam uma gotta dagua no oceano...

Não tivemos tempo de visitar Parnahyba, apesar do convite do respectivo prefeito, que fez por intermédio de um dos nossos amigos da Ligth. Mas foi-nos grata a recepção que lá tivemos por parte dos homens da grande companhia, e della guardamos a mais grata recordação.

#### Etapa Parnahyba - Remédios

Há de pensar o leitor, certamente enjoado já desta fastidiosa narração, que de Parnahyba a São Paulo teríamos uma etapa agradável e ... a última. Engana-se redondamente, porque do velho município paulista, cuja a idade deve orçar pelos 300 annos, até São Paulo, há muito panno para a manga! Remámos cerca de dia e meio em boa puxada para podermos attingir a capital no dia 18, sabbado, pois sahiamos de Parnahyba dia 17, ás 8 horas, depois das peripécias que passarei a contar.

A partir de Parnahyba, nenhum animal, especialmente doméstico, bebe a água do Tietê devido ás immundicies que traz da capital paulista, isto é, das dejeções e detricos de uma população de mais de um milhão de habitantes. O mau cheiro causa náuseas, e em certos pontos é preciso ter estômago forte para não vomitar. Pois foi este o último trecho que fizemos em nossa excursão, no qual o rio ainda ofereceu perigosos obstáculos como pequenas cachoeiras e pontes antigas com vãos muito estreitos que não tinham largura sufficiente á envergadura de nossos remos. Além disso, choveu torrencialmente durante a tarde toda, e, quando chegámos a Remédios (arrabalde da capital) estávamos encharcados até a medulla dos ossos e entanguidos de frio pelo vento sul que reinava.

Atravessamos um trecho interessante e movimentado do rio, em que se nota um grande número de balsas, canoas e grandes botes destinados á relirada de areia do leito da grande artéria fluvial, além das dragas que por vezes nos barraram a passagem devido aos cabos de aço atados de lado a lado, nos barrancos, e que deveriam ser prohibidos por interceptar completamente a navegação. Fizemos prodígios para poder passar sob os cabos de um daquelles monstros que, bem no meio da corrente, são verdadeiras arcas de Noé com dormitórios, cozinha, depósitos, motores a vapor, etc., etc. Perto dellas, a pequena draga do nosso amigo Serra, localizada na rua do Porto, não passa de um brinquedo de creança...

42

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII, 2001  
Número 8

*Em Quitaúna topámos com a rapaziada no barranco; são sorteados, conscriptos, que naquella quartel completam o tempo do serviço militar obrigatório, e que nos receberam debaixo de vivas acclamações. Paramos, pois, nossos remos, não só para encher de água potável nossas vasilhas, como para dar dois dedos de prosa com aquella mocidade sadia e alegre que se nos antolhava.*

*Perguntamo-lhes si conheciam a distância que nos separava da capital (até o Clube Regatas Tietê), deram-nos informações de todo quilate. Foi quando se aproximou do bando um outro rapaz que, em tom mais autoritário que todos aquelles que se tinham manifestado deu lá sua opinião.*

*— Você está “besta”, rapaz; vá mentir na praia, continuou um dos soldados.*

*Não acabou, por verificar que se dirigia, então, e inadvertidamente, por não ter visto chegar, ao seu tenente instructor. Vexado, calouse, tendo o tenente a calma necessária para raciocinar que o rapaz não tinha culpa porque suppunha estar dirigindo-se com um dos seus camaradas.*

*Emfim, deixando a alegre mocidade da caserna depois de intermináveis despedidas, continuámos no “perfumado” rio, agora coberto de aguapés que constituem um sério problema para o serviço sanitário e para a prefeitura da capital. O rio invade os terrenos circumvizinhos, sobe cada vez mais com as grandes chuvas da época, enquanto os aguapés rodam e passam numa proporção assustadora, ficando a maior parte retida nas margens, favorecida pela cheia e pelas mil curvas que o rio oferece.*

*Esta parte dos arredores de São Paulo é horrível, pavorosa, indescritível, e não se pode comprehender como é que os poderes públicos não enfrentaram, até hoje, e seriamente, um problema de tamanha relevância para uma das cidades mais importantes da América do Sul!*

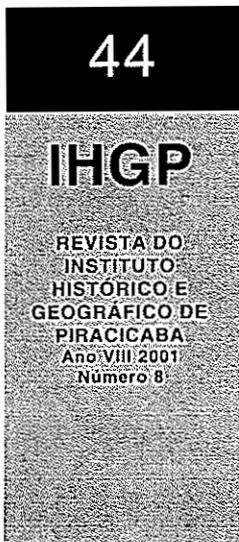
*Sob uma das célebres pontes construídas no tempo das azagaias, e que constituem mais uma vergonha para a capital, o Guido teve de se atirar ás águas corrompidas do rio, no último dia de viagem por se achar em perigo a yole, pois ficou patente que de todos os que constituíam a guarnição, o que sempre mais se sacrificou foi o popular e diligente Franquista, sem o qual não teríamos obtido tão bom êxito neste reide que foi um dos maiores acontecimentos na vida esportiva do Regatas. Tendo sahido daqua “malcheiroso”, arranjámo-lhe uma camisa limpa, mesmo porque todas as outras suas já se achavam no cesto de roupa suja...*

*Na tarde de 17 a chuva recrudescceu, o vento sul maltratou-nos. Temendo um abuso, muito natural, pedi com insistência á turma que não levasse álcool de espécie alguma, mas convenci-me de que nunca uma “canninha” se tornou tão necessária como nos duros momentos de borrasca que supportámos estoicamente, incluída esta penúltima etapa em que, lá pelas 17 horas, fomos obrigados a parar ao pé de uma balsa para nos agasafarmos do temporal que nos occomettia. Pelo bafseiro soubemos logo de que a margem esquerda do rio se achava a Villa*

43

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8



Leopoldina, e á direita, sem hotel, nem telephone e nem luz eléctrica, o bairro dos Remédios, povoado, na maioria, por portugueses.

Molhados até a alma, dirigimo-nos á venda da segunda povoação, onde tomámos o primeiro trago de "canninha". Mas só a "canninha" não nos bastava; estávamos mais necessitados de alimento, e quem nol-o arranjaría, si não havia hotel ou pensão no bairro? Em tal emergência valeu-nos uma senhora, esposa do proprietário da venda, que bondosamente nos forneceu refeição a accomodação para a noite, a 3\$000 por marmenjo! Serviu-nos de quarto de dormir a sala de visitas da dona Belmira (pois que assim se chamava a senhora), que nos cedeu os próprios colchões e os de seus filhos para que não dormíssemos no chão duro. Mais uma vez podemos, portanto, dizer: quanta diferença entre os homens! Enquanto uns dão até a roupa do corpo si necessário for, outros são capazes de nos roubar até o sol que nos dá vida e saúde!

Tendo deixado em repouso os rapazes, sahi, mais ou menos ás 20 horas, sob pesado temporal, e bem agasalhado, para transmitir ás redações dos jornaes da capital a nossa próxima chegada. Para tanto, era necessário galgar outra margem do rio, pela balsa e chegar ao bairro de Anastácio ou da Lapa, onde havia telephone, mas como, si a balsa funcionava até ás 20 horas apenas?

Conseguindo porém, por companheiro, um dos trabalhadores de areia, rapaz forte como um touro mas de character lhano e pacífico, consegui do balseiro um privilégio que a poucos era feito, isto é, o de aguardar o meu regresso de Anastácio em hora que não podia determinar. Pacientemente e protegido contra a intempérie pela sua guarita, como uma sentinella que monta guarda á fortaleza, o bondoso balseiro guardou o seu posto até ás 22 horas e tanto, mas no dia seguinte recebia de presente minha capa, que apesar de velha, ainda lhe servia para o mister a que se dedicava, além de dinheiro e pó de café que lhe offerecemos.

Chovia a cântaros quando me recolhi em companhia do sr. Antônio (que assim se chamava meu guia), encontrando a rapaziada ferrada em somno reconfortador em accommodada cama.

Em Anastácio, aonde fôra, telephonei ás redações de todos os jornaes da capital communicando-lhes a nossa chegada ao pequeno caes do Clube Tietê no dia seguinte, mais ou menos ás 13 horas.

#### *Etapa Remédios - Clube Tietê (São Paulo)*

Dia 18, finalmente, amanhecera fresco e em optimas condições para nossa arrancada final, emquanto o rio transbordava, innundando ainda mais a área baixa das cercanias e arrastando tudo o que encontrava no seu leito. Nestas condições, até o grande bôte que era o ganha-pão do sr. Antônio foi levado pela correnteza, fazendo que o nosso dedicado amigo passasse quasi toda a noite em claro para ir a procura da sua preciosa embarcação.

Nesta etapa os aspectos da precedente se renovam: o rio é baixo, tortuoso, mal cheiroso, coalhado de aguapés. Há nelle o

mesmo movimento de barcos e botes, accionados e dirigidos por homens de musculatura e physico invejáveis, quasi todos portuguezes, já empregados no serviço e tirar e transportar areia, já no de destacar e fazer rodar o rio abaixo as grandes moitas de aguapés que offerecem grande perigo á saúde pública e difficuldades á navegação.

Uns 20 kilometros nos separavam do barranco do Clube que demandávamos, e os fizemos em 4 horas de remo, descontada uma parada de uma hora ao pé da bomba d'agua da Sorocabana, local preferido pelas moscas de todo espécies, inclusive as varejeiras que adejavam zumbindo sobre aves mortas cujos corpos rodopiavam nos remansos. Enquanto o Guido e o Orestes se dirigiam a um armazém das proximidades (500 metros no mínimo) da barranca, preparei nosso último café, mas com extrema cautela, porque o assucar attrahia os moscardos, e eram necessários grandes esforços para não se tomar uma sopa dos temíveis insectos, ao invés da infusão.

Chegados os rapazes, trazendo mortadela e pães de primeira ordem, reparámos nosso estômago e prosseguimos viagem, attingindo o Tietê ás 13 horas e 10 minutos de sabbado, dia 18.

Grande número de amigos nos esperava naquella hora no caes do referido clube, sendo indescrível a alegria íntima que de cada um de nós se apoderou: tínhamos, finalmente, vencido obstáculos e difficuldades de toda a natureza, mas eis-nos alli, são e salvos, pisando as terras da Ponte Grande, e recebendo as gentilezas de uma associação esportiva que é o orgulho de nossa capital! Estava terminada a odysseia de 750 kilometros, dos quaes 200 no Piracicaba e 550 no Tietê. Estaríamos, dentro de pouco, refeitos das canseiras da véspera, e com uma recordação agradável de tudo quanto se passou no memorável feito esportivo que constituiu, especialmente, uma excursão educativa e instructiva de primeira qualidade: ficámos conhecendo novas cidades, nova gente e lindos aspectos da natureza; conquistámos novas amizades e travamos relações com homens e creaturas de diferentes typos e caractéres.

Mal pizamos pé no barranco, uma carga d'agua desabou sobre nós e se prolongou pela tarde toda, fazendo que muita gente não pudesse comparecer, como pretendia, á nossa chegada.

O Clube Tietê nos esperou com um esplendido ágape, e, depois de um reconfortante banho frio, sentávamos á mesa do restaurante do velho campeão da capital, que não regateou gentilezas a seus hóspedes.

Passámos ainda essa noite, de 18 para 19, na capital, no Hotel Piracicabano, e no dia seguinte distribui a cada um de meus companheiros o dinheiro que sobrava para o seu regresso a Piracicaba, depois de haver pago as despesas do hotel. O caminhão da nossa prefeitura lá se achava para o transporte do barco para esta cidade, de retorno a seus penátes. Os rapazes foram auxiliar seu acondicionamento, e á noite, com excepção de Braz e Petta, aqui chegávamos satisfeitos pela rara felicidade que cooperou para o bom êxito de nossa viagem.

45

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

## Conclusão

*Não podemos, porém, encerrar este diário sem um agradecimento especial ao sr. prefeito municipal desta localidade, Luiz Dias Gonzaga, que do princípio ao fim não só se interessou pela nossa excursão como tomou todas as providências que se tornaram necessárias até a chegada a capital paulista. Podemos dizer que S. Sria. patrocinou nosso reide, pois que nelle se achavam envolvidos o nome de nossa terra e os fóros da cidade civilizada e esportiva de que ella goza em outras localidades. Bem que S. Sria. o comprehendeu, pois, mas quer nos parecer que fizemos jús a essa boa vontade como também aos sacrifícios desprendidos por alguns cidadãos que cooperaram no nosso empreendimento esportivo. Si elevamos o nome de nossa querida terra, devemo-lo, também, a essas pessoas que nos proporcionaram os recursos necessários para o fazermos.*

*Não nos lisonjeamos com o que fizemos, porque não foi apenas nosso esforço que contribuiu para a victoria, mas também uma rara felicidade que só poderá ser comparada por alguém mais que se atreva a realizar o mesmo feito. Basta dizer que não só o velho e frágil barco chegou illeso, como que ninguém ficou doente durante todo o trajecto a ponto de constituir peso morto para os companheiros. Indisposições passageiras todos tiveram, cada um á sua moda: eu fiquei com as pernas inchadas pelas queimaduras e passei freqüentemente por um leve estado febril, o Braz Grisolia teve indisposição gástrica, vomitando diversas vezes, o Orestes já sahiu daqui com os effeitos de uma indigestão e nos causou sérios receios no primeiro dia de viagem, o Guido estragou o ... assento, emfim o Osiris e o Petta tiveram, também, seus momentos desagradáveis, mas ninguém abandonou o remo ou se negou a render um companheiro cansado e em condições de uma reparadora folga, especialmente rio acima, onde não se pode deter o barco sem risco de ser arrastado pela corrente e perder em alguns minutos o que se conquistou depois de prolongado esforço.*

*Nossos agradecimentos se extendem a todos que directa ou indirectamente prestaram seu concurso, sendo dignos de nota a prefeitura local e os srs. Mário Dedini, Hélio Morganti, Pedro Ometto, Jacob Diehl Neto, Jorge Maluf, Antônio Fessel e F.M. da Costa que prestaram auxilio financeiro (500\$, 150\$, 100\$, 50\$, 30\$, 20\$,5\$, respectivamente) num total de 925\$; á Cia. Telefônica, Agência Luteg, PRD-6, Casa Trecê, A Capital, Casa Maiolino, Leitaria Brasileira, Padaria Allemã, Casa Bueloni, Casa Rando, Brasserie, Fábrica Aurora, Casa Lambary, Mercearia Brasil, etc. Aos srs. William Maluf, F. Millen, Alfredo Bandiere, etc., que nos offereceram mercadorias ou artigos indispensáveis á excursão.*

*Chegado que fui a meus pendeis, o impauludiamo se manifestou retendo-me ao leito por alguns dias e causando sérios distúrbios á minha saúde, mas nem um segundo siquer me arrependi, assim como os dedicados companheiros de viagem, de ter tomado parte do feito esportivo cuja narração succinta acabo de fazer; terei sempre viva na minha mente a lembrança de tudo quanto fizemos e recebemos, porque*

46

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

*si os trabalhos foram árduos e difíceis, houve sensações inéditas em contacto com a grande artéria que é um acervo de maravilhas que transmitem em surdina a epopéia eloqüente daquelles homens de aço que outróra desafiaram as mesmas dificuldades mas em condições bem mais precárias! No vórtice das águas desaparecia amiúdo de um corpo cheio de vida e de esperança, enquanto os barrancos não raro foram o cenário de luctas sangunárias, já contra o gentio que defendia suas terras e sua gente contra os intrusos, já contra a malária e os accidentes e incidentes de toda natureza que só acontecem em taes incursões pelo sertão.*

*Hoje o velho caminho do sertão está abandonado! Só transitam nelle, em breve trecho, os pequenos vapores que fazem o transporte de mercadorias de Porto Martins a Porto Ribeiro, na distancia approximada de 100 kilometros, além dos que, como nós, quizeram entrar em contacto íntimo com o rio soberbo sentindo-o, admirando-o, palpando-o, escalando-o palmo a palmo, porque para nós elle representa não apenas a pátria, mas também a terra paulista concretizada, resumida, symbolizada no encanto de suas margens povoadas de aves canóras, árvores, parasitas e trepadeiras, cujos cantos e flores completam a poesia da natureza impregnada em cada um de nós como elemento vital e integrante da grande alma nacional!*

*Merecem, também, de nossa parte, os agradecimentos a que fizeram jús os actuaes directores do Clube de Regatas, dentre os quaes peço licença para destacar o Tuffi Elias que muito cooperou para o bom êxito de nosso reide e que não mede sacrificios para elevar o nome da velha entidade esportiva ao ponto que realmente merece no conceito esportivo de nosso grande Paiz.*

*Não nos esqueçamos, também, da imprensa, tanto piracicabana como paulistana, que trouxe sempre noticiário copioso a nosso respeito, recebendo e transmittindo aos nossos e ao povo de Piracicaba e São Paulo todas as notícias que estavam ao seu alcance, com referências lisonjeiras que muito nos sensibilizaram.*

**Nota do IHGP** - Foi mantida a ortografia original do texto em itálico, do *Diário de Viagem*, do Prof. Sylvio de Aguiar Souza.

47

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

## MEMÓRIAS DA ESCRAVIDÃO

Hugo Pedro Carradore (1)  
Ex-Presidente do IHGP

1- Sócio Titular do IHGP

### EXALTAÇÃO À MULATA

*E não se deve esquecer também a mulata;  
vale lembrar que nenhum dos mestiços brasileiros  
teve, como ainda tem, o prestígio, não apenas  
sentimental, da mulata – que se transformou de  
costumes... e contribuiu tão fortemente para o  
abrandamento do contato entre o senhor  
e o escravo, o branco e o negro,  
contato às vezes tão íntimos que fazia  
surgirem mulatinhos de olhos azuis  
e nariz afilado.*

Manuel Diégues Júnior

A formação da sociedade brasileira muito deve à mulata, que, no encontro de duas raças, a miscigenação matizou, embranquecendo a população e dando-lhe um legado cultural imenso.

A mulata, pela insinuação sexual própria dos olhos buliçosos, do sorriso enigmático, da pele trigueira, do gingar – andar bamboleante que se celebra no sacolejo dos “gluteus maximus”, deu origem ao padrão de beleza brasileiro.

Todos esses predicados da mestiçagem fizeram com que a asseverassem portadora de uma superexcitação sexual, em cujo equívoco também partilharam figuras ilustres como Nina Rodrigues e José Veríssimo.

*pode-se já identificar um riso, um andar,  
um dançar, um cantar nacionalmente brasileiros,  
como expressões antropoculturais.*

Gilberto Freyre, Folha de São Paulo  
(17/08/1980)

48

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

O conceito folclórico, de que as negras e as mulatas são mais fogosas que as brancas tem origem na exploração sexual imposta pelo regime escravista.

Na sociedade patriarcal-escravocrata o papel das sinhás-dona era o de dar filhos ao seu esposo, de preferência do sexo masculino.

As meninas desde pequeninas tinham ao seu lado uma iá, uma negrinha, ou uma mulatinha, para satisfazer todos os seus caprichos, sempre atentas às suas ordens.

A sinhazinha não se abaixava nem para calçar os sapatos, crescia preguiçosa. Casava-se muito jovem, dos 13 aos 16 anos, cedo começava a gerar prole, cercada de uma verdadeira corte de escravos. Engordava após o parto e raramente voltava à plástica original.

No casamento a sinhá-dona evitava o pecado do prazer na cópula, apenas com muito pudor cumpria a obrigação de procriadora.

Quanto ao senhor, na busca de satisfação que não encontrava com a esposa, servia-se das escravas. Para tanto, os homens usavam como objeto de prazer as belas negras e as mulatas de corpo perfeito e prazenteiro, constringidas pela condição de objeto de uso e propriedade do seu senhor.

As relações sexuais dessa ordem foram freqüentes no dia-a-dia dos engenhos e das fazendas de café, mormente dos jovens sinhozinhos que assim começavam a sua iniciação. Os pais estimulavam e facilitavam o estupro e as mães faziam "vista gorda".

Recolhidos por José Alípio Goulart do populário do século XVIII, foram as quadras que elegem a figura da bela escrava como objeto sexual:

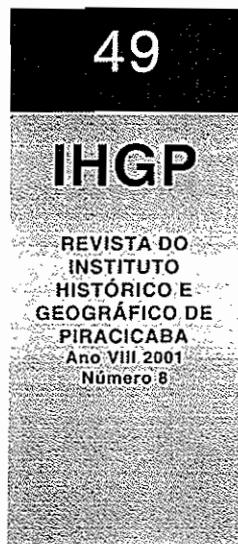
**Preta bonita é veneno  
Mata tudo que é vivente;  
Embriaga a criatura,  
Tira a vergonha da gente.**

**Mulata é doce de coco,  
Não se come com canela,  
Camarada de bom gosto,  
Não pode passar sem ela.**

**Um laço de fita verde  
Com três dedos de largura,  
Na cintura da mulata,  
Mata qualquer criatura.**

Superexcitados sexuais eram os senhores brancos, que chegavam, paralelamente à família, constituir um *harém* com sua negras e mulatas. Estas, apenas entregavam-se passivamente.

Chistosamente, o folclore registra entre seus ríões que: – A maior obra portuguesa na colonização foi a criação, ou melhor, a fabricação da mulata.



2- Trecho do poema *Ave Maria*, Hugo Pedro Carradore.

3- Le Gentil de la Barbinais, *Nouveau Voyage Autur de Monde*, obra publicada em Amsterdã em 1728. Tradução literária do texto: *Os portugueses naturais do Brasil preferem a posse de uma mulher negra ou mulata à mais bela mulher (branca). Eu lhes perguntei muitas vezes de onde provém esse gosto bizarro, mas eles mesmo ignoram. De minha parte creio que alimentados por suas escravas, adquiram essa inclinação através do leite.*

A opção da escrava para nutriz, inspira-nos a atribuir uma relação entre o senhor e a negra, quando identificamos mulatinhos ou mulatinhas irmãos de leite de sinhozinhos ou sinhazinhas.

Mãe preta – Mãe Maria seu apelido,  
negra dos cabelos de prata,  
seu ventre falido  
fabricou essa mulata  
com corpo de jambo-perfumado,  
andar reboiado e sutil,  
que é um poema de pecado,  
Mulata Maria do Brasil! (2)

A inventiva popular difundiu o axioma: **Os portugueses fabricaram a mulata.**

A máxima se legitima pela própria história da colonização.

Foram as condições econômicas e sociais que provocaram a miscigenação. O sistema escravocrata, que mantinha a organização agrária, era conduzido por senhores todo poderosos e escravos submissos. A mulher branca, quase restrita às famílias senhoriais, desde a tenra idade estava reservada ao casamento, cuidadosamente escolhido pelo *páter-famílias*.

Mulatas, quase brancas, bonitas de rosto e de corpo, eram valorizadíssimas pelos seus senhores. Esta afirmativa avalia-se através dos testamentos, inventários e anúncios de jornais, como o de Joana, a escrava foragida:

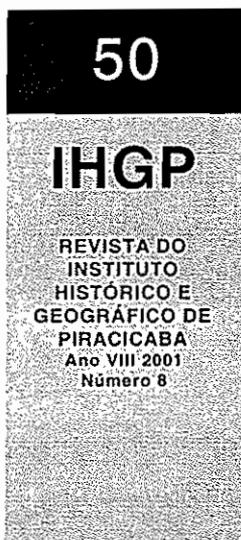
**Joana bem alva, cabelos soltos, já assemelhando-se à branca com alguma coisa de misterioso no seu passado que o anunciante não ousava dizer de público, só em particular à pessoa que a conservasse em Casa.**

(Diário de Pernambuco, 1835)

Le Gentil de la Barbinais, que aqui esteve em princípios do século XVIII, observou a predileção quase mórbida dos colonizadores pelas negras e mulatas: "**Les portugais naturels du Brésil préfèrent la possession d'une femme noir ou mulâtre à la plus belle femme. Je leur ai souvent demandé d'où procedait un gout si bizarre mais ils l'ignorent aux-même. Pour moi je crois qu'élevés & nourris par ces Esclaves, ils en prennent l'inclination avec le lait.**" (3)

O ditado popular vigente no século XIX – **Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar** – nos mostra a prioridade da mulher branca, a predileção sexual pela mulata e a inferioridade da negra.

Foi o conde Gabineu, embaixador da França no Brasil em 1868, o criador da utopia da superioridade da raça branca – "**toda a civilização deriva da raça branca... Possuem o monopólio da beleza, da inteligência e da força**". – Entretanto, a história da cultura contradiz essas afirmativas preconceituosas, senão tolas. Não é possível o



desconhecimento de Gabineu, de que a Ásia foi a argamassa da civilização européia.

Nenhum povo entre os colonizadores modernos se nivelou aos portugueses no processo da miscibilidade, na profunda familiaridade, na comunicação social e sexual com a raça dominada. Talvez o prolongado convívio com os sarracenos tenha moldado como ideal de beleza a *morena queimada*, a Moura Encantada – entidade fantástica com o tipo de mulher morena, a qual, segundo a crença popular portuguesa, vivia nos rios e nas fontes, sempre penteando os belos cabelos negros. Espécie de Nereida mourisca ou de Oxum mulata. Razão pela qual nos parece serem as Mouras-encantadas uma manifestação alegórica de preferência pelas mulatas. (4)

Em suas andanças pelo interior do Brasil o capitão inglês Richard Burton registrou que, em Minas Gerais encontrou uma cidade na qual, em uma população de 5000 habitantes, somente duas famílias não possuíam em suas veias sangue negro. (5)

A subida das mulatas às passarelas e aos palcos não é tão recente como se imagina. Já no início do século XIX, as mulatas encantavam nos palcos e nos salões, com sua sexualidade, a elite brasileira, que em tudo, ou mais, buscava os modelos europeus.

Atendendo ao gosto popular, os teatros apresentavam farsas, representações jocosas e burlescas. Tollenare assistiu no Teatro de Salvador, Bahia, em 1818, a um espetáculo deste gênero. É ele mesmo quem o descreve: O mais interessante a que assisti foi o de um velho taverneiro avarento e apaixonado por uma jovem vendilhona. O velho está sempre a vacilar entre o seu amor e o seu cofre. A rapariga emprega todos os recursos da faceirice para conservá-lo preso nos seus laços. O mais eficaz consiste em dançar diante dele o Lundu. Esta dança, a mais cínica que se possa imaginar, não é nada mais nem menos do que a representação, a mais crua, do ato do amor carnal. A dançarina excita o seu cavalheiro com movimentos os menos equívocos; este responde-lhe da mesma maneira; a bela se entrega lúbrica; o demônio da volúpia dela se apodera, os tremores precipitados das suas cadeiras indicam o ardor do fogo que a abrasa, o delírio torna-se consultivo, a crise de amor parece operar-se e ela cai desfalecida nos braços do seu par, fingindo ocultar com o lenço o rubor da vergonha e do prazer. O seu desfalecimento é o sinal para os aplausos de todas as partes, os olhos dos espectadores brilham de desejos por ela excitados, os seus gritos reclamam que recomece a luta, e o que apenas se permitiria em um alcouce é repetido até três vezes perante um público de uma cidade civilizada. Há senhoras nos camarotes e estas não coram, não se pode acusá-las de excessivo recato. (6)

O botânico Augustin François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire, que esteve no Brasil de 1816 a 1822, viajando, observando e analisando as novas espécies vegetais, tudo registrou, inclusive informações e relatos, que constituíram um precioso material folclórico e etnográfico.

4- Às Mouras-encantadas se confere na lendística portuguesa o papel de divindade das águas, personificam a *Vênus Fosca*, manifestação misticismo lúbrico, quase que uma forma de adoração pela mulher mulata. Ver *Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882.

5- Richard Burton, "Highlands of the Brazil", Londres, 1869. O autor justifica que nas capitânicas do interior não era possível aos colonos casar suas filhas com europeus. O mulatismo tornara-se um *mal necessário* – *mulatism became a necessary evil*.

6- L.F. Tollenare, *Notas Comunicais* tomadas uma viagem e Brasil em 1816, 1817 e 1818 – Tradução de Alfredo Carvalho, prefácio de Oliveira Lima, in *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*, vol. XI, 1904, e in *Revista do Instituto Histórico da Bahia*, vol. XIV, 1908. LUNDU, Lundum, Landu: Dança e canto de origem africana, trazidos pelos escravos bantos, especialmente de Angola para o Brasil. A coreografia evoluiu para o samba, solto, individual, retratado nas passarelas pelos passistas das Escolas de Samba.

51

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

- 7- Saint-Hilaire, "Voyage dans l'intérieur du Brésil – Les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes", Paris, 1830 – tradução de Cláudio Ribeiro de Lessa, Col. Brasiliana, São Paulo, 1938.
- FANDANGO – Como baile popular, o samba repete o mesmo processo aglutinante do Fandango. O samba possui atualmente uma grande variedade de tipos e de formas, nos quadros rurais e urbanos, e, no Rio de Janeiro, a variedade, que é uma das velocidades iniciais, é o samba de morro denominado de batucada. (Luís da Câmara Cascudo, in *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1979.
- 8- Koster Henry, *Travels in Brasil*, Paris, 1816, cit. In Sobrados e Mocambos, Gilberto Freyre.
- 9- Denis, Ferdinand, *Le Brésil*, Paris, 1837.

Saint-Hilaire participou de um baile em Vila Rica, promovido pelo governador D. Manuel de Castro Portugal. Desse baile fez ele vários registros, entre eles: **La toilette et la tournure des dames pouvaient offrir matière à la critique dun Français nouvellement arrivé de Paris; cependant nous fûmes étonnés de ne pas trouver, à une aussi grande distance de une côte, une différence plus sensible entre les manières des femmes et celles des Européennes.**

Ele não se surpreendeu com a maneira de vestir das senhoras mineiras, naquele começo de século XIX, muito semelhante às damas européias, sim, com as suas maneiras. Sua grande surpresa deu-se quando, de repente, o baile foi interrompido para a apresentação de uma mulata que dançou um *fandango*, levantando a saia com muita ginga nas cadeiras... (7)

O lundu, dança de origem africana, levado pelas mulatas, saiu da senzala, penetrou na casa-grande, andou pelos sobrados e por fim invadiu os teatros e os salões da aristocracia.

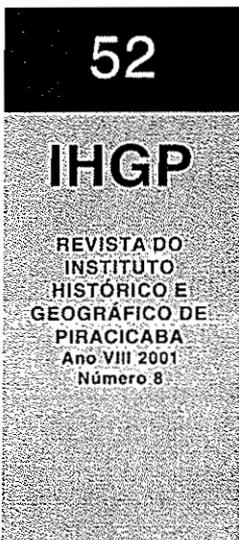
No Brasil, sob a denominação geral de batuque, as danças caracterizadas pelo encontro das coxas ou dos umbigos ficaram conhecidas por samba, corruptela de semba, que por sua vez tem a sua origem no vocábulo *dissemba* (umbigada). Segundo Edson Carneiro, a palavra samba vem do verbo *Kussemba* (requebrar).

Em 1813, Henry Koster anotou a respeito dos negros de Recife: **Os negros livres dançam diante das choupanas, as danças lembrando a dos negros africanos... Um homem ia para o centro da roda e dançava alguns minutos tomando atitudes lascivas, até escolher uma mulher, que avança fazendo meneios não menos indecentes. Esse divertimento durava, as vezes, até o amanhecer.** (8)

Henry Koster estava descrevendo o samba de roda, que também, seria narrado por Ferdinand Denis em carta ao pai: – **O que há de surpreendente é a mobilidade incrível de seus traseiros, que devem estar sempre em movimento. A faculdade que têm todos os negros de fazê-lo girar como uma bola muito surpreende os europeus. De resto, seria preciso um volume inteiro para descrever os bailes selvagens que presencio todos os dias. Terminarei dizendo que os dois sexos participam desse divertimento favorito, e acho que a maioria dessas danças poderia estar ligada à religião.** (9)

Denis havia descoberto o verdadeiro sentido das danças desenvolvidas pelos negros e mulatos. A dança para o homem primitivo é uma maneira de aproximação com o sagrado. Nelas, o dançarino perde todo o sentido de seu próprio ser e se torna uma manifestação de música. No êxtase, acredita entrar em contato com as forças superiores da natureza ou com a divindade.

As danças africanas estavam associadas não só à religião como também ao sexo, sempre com sentido didático, traduzindo alegria, dor, medo, fertilidade, ritos de passagem, casamento, nascimento, colheita, caça, guerra, morte... tinham entre os escravos a função sociológica de aliviar o sofrimento e avivar a solidariedade. Foram os brancos que



descharacterizaram o sentido ritualístico dessa dança, explorando o seu aspecto lascivo.

**“O! mulata assanhada  
que passa com graça  
fazendo pirraça,  
fingindo inocente,  
tirando o sossego da gente.**

**Ai, meu Deus, que bom seria,  
se voltasse a escravidão,  
eu pegava essa mulata  
e prendia no meu coração.” (10)**

A mulata brasileira cantada em verso e prosa ganhou o mundo...

É a literatura quem faz o retrato da sociedade, que traça o perfil do homem dentro do espaço e do tempo. O romance observa os indivíduos dentro do seu ambiente e as suas relações com a sociedade.

Aluísio de Azevedo, pioneiro da corrente naturalista no Brasil, logo após a proclamação da República, publicou **O Cortiço** (1890), romance que retrata a vida urbana do homem brasileiro do fim do século XIX. Localizado **O Cortiço** no bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro, ele estuda a influência que os fatores sociais exercem sobre o ser humano. Através de seus figurantes, ele explora as mais violentas paixões da alma. Entre os seus personagens destaca-se a figura de **Rita Baiana**, amante de Firmo, malandro capoeira, mulata sensual e faceira de vida livre, que, com os seus dengos e requebros, enfeitiça Jerônimo e torna-se objeto de contenda mortal entre os dois homens. **Rita Baiana** reproduz o forte sentimento da realidade em relação às características marcantes da sexualidade atribuídas à mulata...

Entre tantos, Jorge Amado divinizou e difundiu para o mundo a mulata brasileira, especificamente a baiana, através da ternura e da audácia de suas heroínas de pernas e ancas modeladas, que dançam ao andar, cheias de malícia e beleza, cheirando cravo – filhas de Yemanjá e Oxum... Gabriela, dona Flor, Teresa Batista...

**Gabriela, Cravo e Canela**, traduzido em quinze idiomas, transformado em novela pela TV Globo, filme e revista em quadrinho, converteu a Mulata em símbolo sexual.

Ele não pôde mais, segurou-lhe o braço, a outra mão procurou o seio crescendo ao luar. Ela o puxou para si:

– Moço bonito...

“O perfume de cravo enchia o quarto, um calor vinha do corpo de Gabriela, envolveu Nacib, queimava-lhe a pele, e o luar morria na cama. Num sussurro entre beijos, a voz de Gabriela agonizava:

– Moço bonito.” (11)

A Bahia é uma nação mestiça, o Brasil é um país mestiço... Há um tipo de mestiça a “mulata branca”, de pele branca, de cabelos longos e sedosos, por vezes loiros. Os demais caracteres indicam

10- **Mulata Assanhada** – Música do imortal Adoniram Barbosa.

11- **Gabriela, Cravo e Canela**, obra de Jorge Amado. Até 1969 já estava traduzida em 15 idiomas: francês, espanhol, tcheco, inglês, alemão, rumeno, húngaro, holandês, sueco, italiano, bulgaro, grego, servo-croata, ucraniano e dinamarquês. Adaptado para história em quadrinhos, para cinema e para a televisão, com fundo musical de Dorival Caymmi (Festa Discos, Rio de Janeiro).

53

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

12- Jorge Amado in *Bahia de Todos os Santos*, Rio, 1977.  
13- Barbosa Lima Sobrinho, *Panorama do Conto Brasileiro* – (A Mãe-Irmã, pág. 185), Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.  
14- Oswald de Camargo, *O Negro Escrito*, pág. 90, Ed. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

a matriz negra. Mulata sedutora, a cujo fascínio é difícil de escapar, uma perdição... trazem a lembrança do avoengo negro nas olheiras pesadas, nas ancas de requebro, nos lábios semi-abertos de desejo, no dengue. Nas polegadas a mais de Marta Rocha. Mulata branca.” (12)

O cheiro de cravo,  
e a cor de canela,  
eu vim de longe,  
vim ver Gabriela.

(moda da região do Cacaú)

Contudo, o pioneirismo na divinização da mulata deve-se ao não menos mulato Francisco de Paula Brito, o iniciador do movimento editorial no Brasil e um dos precursores do conto, com a publicação de *A Mãe - Irmã* em 1839:

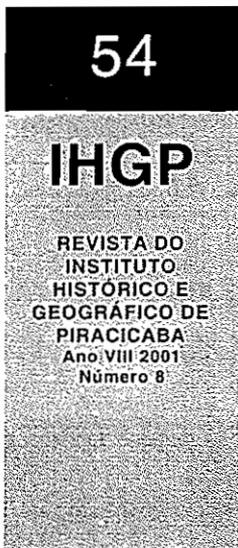
Alzira tinha dezesseis anos, não era uma dessas fisionomias que tanta bulha fazem nos romances que nos vêm da velha Europa; era cá da América, e era bela quanto podia ser; não tinha essa cor de leite, que tanta gente faz entusiasmar; mas tinha um moreno agradável, próprio dos trópicos, suas faces não eram carmim, mas de um pálido tocante, que convidava todas as afeições; seus olhos não eram azuis como o céu do meio dia, mas eram negros como o azeviche; não tinha a viveza dos olhos espanhóis, mas tinham uma languidez encantadora, que parecia anunciar continuado sofrimento e a implorar a quantos a olhavam... (13)

Ser um objeto de paixão, não há diferença entre capitular e sucumbir, Lino Guedes um poeta escandalosamente negro, no dizer de Cesar Ladeira na apresentação de *Urucungo* (1936), exacerbou ao exaltar a mulata:

Naquela casa de esquina  
mora uma linda menina,  
muito, bonitinha,  
uma jóia, uma gracinha,  
mas tem uma coisa que mata  
todo mundo... É ser mulata! (14)

Mulatas, mulatas que o pincel de Di Cavalcanti guardou em suas telas, mulata delineada pela pena de Fernando Góes: – **Mulata para valer, de carne e osso, mulata que a gente pode apolegar, a pele de jambo, a boca de romã, os olhos mais doces que doce de coco, do betume do cabelo cacheado, o corpo como uma onda caminhando, já não se vê mais por aí!** (15)

A sensualidade da mulata tornou-se produto mercadológico em moldes empresariais, consumido avidamente, explorado em *show* nas casas-noturnas, no carnaval, na televisão, nos vídeos pornô, nas revistas... mulata nota 10, mulher objeto às novas necessidades do mercado do sexo.



Karl Marx em *O Capital* estabelece: a mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estomago ou da fantasia. Relacionada neste conceito, a mulata passou a integrar-se às necessidades do mercado sexual, passando a sua exploração a ser realizada em moldes empresariais.

#### BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Capistrano – Capítulos da História Colonial, Rio, 1954.
- AMADO, Jorge – Bahia de Todos os Santos, Liv. Martins Editora, Rio de Janeiro, 1977.
- AMADO, Jorge – Gabriela Cravo e Canela, Liv. Martins Editora S/A, São Paulo, 1969.
- CAMARGO, Oswaldo – O Negro Escrito, Ed. Imprensa Oficial do Est. de São Paulo, São Paulo, 1987
- CARRADORE, Hugo Pedro – Mãe Preta in *Literart em Época*. Ed. Academia Piracicabana de Letras, Piracicaba, SP, 1987.
- CASCUDO, Luís Câmara, *Dicionário de Folclore Brasileiro*, Ed. Melhoramentos, SP, 1980.
- FREYRE, Gilberto - *Casa-Grande e Senzala*, Liv. José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1971.
- FREYRE, Gilberto - *O Escravo nos Anúncios de Jornais*, Liv. José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1985
- FREYRE, Gilberto - *Sobrados e Mucambos*, Liv. José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1971.
- LÉRY, Serafim - *Viagens à Terra do Brasil*, Ed. Da USP, São Paulo, 1972
- LIMA SOBRINHO, Barbosa – *Panorama do Conto Brasileiro*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.
- PINSKY, Jaime – *Escravidão no Brasil*, Ed. Contexto, São Paulo, 1989.
- RODRIGUES, Nina – *Os Africanos no Brasil*, Editora Nacional, São Paulo, 1935.

55

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

## **ALGUM SUBSÍDIO À HISTÓRIA DA CÂMARA DE VEREADORES**

**Lino Vitti (1)**

1. Diretor aposentado da  
Secretaria da Câmara Muni-  
cipal de Piracicaba

No dia primeiro de janeiro de 1948, as portas de um humilde prédio, anexo ao da Prefeitura Municipal de Piracicaba, localizado na rua Alferes José Caetano, num ponto do quarteirão eqüidistante das ruas São José e Prudente de Moraes, abriam-se para receber o prefeito Luiz Dias Gonzaga e 31 Vereadores, cujo nome daremos a seguir, para o ato de posse no governo municipal de Piracicaba., depois de um período histórico da vida político-administrativa nacional sob o domínio de uma longa ditadura de 10 anos.

É bom que se registre não ter sido essa ditadura algo tirânico, como sói acontecer em geral por essa vastidão de países e governos do mundo inteiro, mas, a meu ver, suavizada um tanto pelo comportamento leal e político do povo brasileiro, sempre pronto a apoiar ou repudiar com a arma de seu voto, aqueles que do alto lhe regem o destino.

Aquele dia, portanto, foi especial para a comunidade piracicabana e do País em geral, pois a retomada do regime democrático atraiu grande número de populares, políticos, autoridades e imprensa, pois é sempre de júbilo o passar de um regime autoritário para a suavidade da liberdade há tempo reprimida. Foi assim, sob essa tutela de um clima de euforia que os trinta e um seguintes Vereadores adentraram o salão (provisório, diga-se de passagem) e se dirigiram para a mesa formada em ferradura para tomar assento no lugar que o voto popular lhes havia entregue para reger, juntamente com o prefeito Luiz Dias Gonzaga e o vice-prefeito Benedito Rodrigues de Moraes, os destinos do Município piracicabano, para a legislatura 1948,49,50 e 51: Antônio Cera Sobrinho, Antônio Keller, Emílio Sebe, João Basílio, Domingos Cassano, Samuel de Castro Neves, João Baptista Vizioli, Noedy Krähenbühl Costa, Américo Freitas e Silva, Antônio Fidelis, Aldo Furlan, Acary de Oliveira Mendes, Aristides Giusti, Waldomiro Perisimoto. Haldumont de Campos Ferraz, Antônio Lico, Érico da Rocha Nobre, Aldrovando Fleury Pires Corrêa, Pedro Krähenbühl, Benedito Glicério Teixeira, Antônio Aggio, Romeu Ítalo Rípoli, Romeu Buldrini de Barros, Arthur Paulo Furlan, José Colombo Garboggini, Josué Blumer, Francisco Antônio Cesta Netto, Guerino

**56**

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

Oriani, Guilherme Vitti, Militão Prates Ferreira e Dovilio Ometto. (Extraído do Manual da História Piracicabana, de autoria do historiador Prof. Guilherme Vitti).

Empossados, sob juramento de bem dirigir os destinos do Município, prefeito e vice-prefeito, sob ovação popular, dirigiram-se, acompanhados pelos vereadores, ao seu gabinete de trabalho, no edifício sede da municipalidade, localizado na rua São José, onde assumiram o governo municipal, havia cerca de dez anos regido por prefeitos nomeados pelo Governador do Estado.

Por seu turno, em continuação à solenidade de posse, os Vereadores passaram à eleição dos membros da Mesa, presidente, vice-presidente, primeiro e segundo Secretários, cabendo a escolha aos seguintes edis: para presidente Aldrovando Fleury Pires Corrêa; para vice-presidente Pedro Krähenbühl; para primeiro Secretário, Guilherme Vitti e para segundo Secretário Francisco Antônio Cesta Netto. Essa Mesa, se não me trai a memória, foi reeleita em todos os seguintes anos da legislatura, conduzindo a Casa com capacidade, coerência de propósitos, em prol do bem-estar e do progresso do Município, cumprindo à risca o prometido em ato solene da posse.

Como o poder legislativo, desmanchado por ato da ditadura que o exterminou inexoravelmente, não contava com qualquer servidor para os seus serviços burocráticos, o presidente Aldrovando Fleury dirigiu-se ao prefeito recém-empossado, em busca de alguém do quadro de servidores da própria municipalidade, a título de economia, para exercer as funções burocráticas da nova Edilidade. Por força do destino, a escolha recaiu sobre minha pessoa, que já figurava entre o pessoal da Prefeitura Municipal, e por indicação do Contador de então, Frederico Ferraz Orsi. Surpreso sem dúvida por essa indicação, não pude negar-me a assumir as funções de funcionário, único, da nova Câmara Municipal de Piracicaba, aí permanecendo por 35 anos, acrescidos de mais três pós aposentadoria, servindo, com empenho e prazer, às centenas de edis que transitaram por aquele repositório competente da feitura das Leis do Município.

Tem este trabalho como objetivo primordial registrar o advento e composição da primeira Câmara de Vereadores, que reiniciou em Piracicaba o processo democrático da eleição de prefeito e vereadores, depois de longo período de autoritarismo, acontecimento este que pintalga por diversas vezes a história político-administrativa do nosso país.

Poderão muitos supor que o afastamento do exercício legislativo a que a ditadura obrigou as Câmaras Municipais houvesse amortecido ou desfeito a capacidade de bem legislar, segundo é responsabilidade e atribuição desses órgãos públicos, mas a prática comprovou, conforme tenho na memória, que a escravidão branca sofrida pelo regime democrático não extirpou daqueles homens (a maioria estreado nas funções) o saber e a cultura jurídico-social aprendida com os antecessores, entre os quais brilham estrelas de primeira grandeza, dedicando-se com a necessária competência ao exercício do múnus público.

57

IHGP

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8

E os pronunciamentos, as proposições, os pareceres, os projetos de lei, todos denunciadores de qualidades legislativas importantes e felizes, começaram a surgir, a serem devidamente discutidos, aprovados ou rejeitados, de acordo com a sua oportunidade, constitucionalidade e interesse público. Aqueles edis, que jamais haviam tido sequer contato com o processo legislativo, souberam rapidamente adequar-se a situações e a produzir a legislação necessária ao bom andamento de uma administração que tinha à sua testa um cidadão, este sim, não estreado, mas já suficientemente conhecido pelas suas qualidades de bem governar a comunidade municipal.

E disso pode-se concluir que o retorno ao dever democrático de trabalhar para o bem comum de uma sociedade muito esperançosa e confiante, foi imediato e assim, rapidamente, foram esquecidos os dias amargos de uma longa ditadura. As lições dos vereadores que já haviam exercido o cargo, foram celeremente absorvidas e frutificadas, as divergências políticas, que em geral soem abalar o prestígio das edilidades e a encastrar o funcionamento de uma administração, não tiveram curso naquela Casa de Leis redemocratizada, a ponto de abalar a prosperidade de um governo municipal. São as impressões que me restaram daquela primeira Câmara Municipal e que hoje, depois de 54 anos, ainda me acodem à memória, com saudade é verdade, mas luzindo como farol inicial a indicar o bom e o certo caminho aos que viriam depois.

Posso lembrar, como exemplo que restou, ser aquela edilidade composta de 31 Vereadores, todos na base do civismo e do patriotismo, pois nenhuma remuneração se pagava, restando aos ocupantes da vereança a honra de cumprir um dever para com o Município e a recompensa de sua dignidade em favor do povo. Comprova-se assim que não é essa enxurrada de dinheiro que subsidia poderes legislativos, maiores e menores de nossos dias, que faz o monge, ou melhor, que faz o legislador, mas sim as intenções sublimadas pelo dever de bem servir e a capacidade criadora de um mundo jurídico e social condignos em favor dos brasileiros.

58

**IHGP**

REVISTA DO  
INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA  
Ano VIII 2001  
Número 8